



NORA ROBERTS

*A pousada
no fim do rio*

Tradução de Isabel C. Penteadó

PRÓLOGO

O monstro estava de volta. Cheirava a sangue. Soava a terror.

Ela não tinha outra hipótese senão fugir, e desta vez fugir na direção dele.

A maravilhosa floresta que fora outrora o seu refúgio, que sempre fora o seu santuário, era agora um pesadelo. A imponente majestade das árvores já não era um grande testemunho do vigor da natureza, mas uma jaula viva que podia aprisioná-la e escondê-lo. O luminoso tapete de musgo era um pântano borbulhante que lhe sugava as botas. Ela trespassou fechos, reduzindo as folhas encharcadas a farrapos lodosos, patinou sobre um tronco apodrecido e destruiu a vida em desenvolvimento que ele abrigava.

Sombras verdes deslizavam à frente, ao lado e atrás dela, e pareciam sussurrar o seu nome.

Livvy, meu amor. Deixa-me contar-te uma história.

O ar saía aos soluços dos pulmões, a respiração dificultada pelo medo e pela perda. O sangue que ainda lhe manchava as pontas dos dedos tinha congelado.

Chovia, um batuque constante contra o dossel varrido pelo vento, um gotejar viscoso sobre a casca coberta de líquenes. A água ensopava o chão, e o mundo todo parecia molhado, maduro e algo faminto.

Ela já não sabia se era caça ou caçador, sabia apenas, através de um profundo instinto primitivo, que movimento significava sobrevivência.

Ela ia encontrá-lo, ou ele a ela. E, de alguma forma, tudo terminaria. Ela não iria acabar como um covarde. E se houvesse alguma luz no mundo, ela iria encontrar o homem que amava. Com vida.

Fechou na mão o sangue que sabia ser dele e agarrou-o como esperança.

O nevoeiro serpenteava em redor das suas botas e era rasgado pelas passadas longas e impensadas. O batimento do coração fustigava as costelas, as têmporas e as pontas dos dedos num feral ritmo pulsante.

Ela ouviu o estalo acima da cabeça e saltou para o lado no momento em que um ramo, fustigado pela água, vento e tempo, tombou no chão da floresta.

Uma pequena morte que significava vida nova.

Ela encerrou na mão a única arma que possuía, sabendo que teria de matar para sobreviver.

E através da luz verde profunda assombrada por sombras mais escuras, ela viu o monstro como se apresentava nos seus pesadelos.

Coberto de sangue, observando-a.

OLÍVIA

*Uma simples criança que respira suavemente,
E sente a vida em cada membro,
O que poderá saber da morte?*
— WILLIAM WORDSWORTH

1.

Beverly Hills, 1979

Olívia tinha quatro anos quando o monstro chegou. Intrometia-se em sonhos que não eram sonhos e dilacerava com mãos ensanguentadas a inocência que os monstros mais cobiçam.

Numa noite de Verão, quando a Lua estava cheia e brilhante como o coração de uma criança e a brisa suavemente perfumada com rosas e jasmim, ele entrou na casa para caçar, para matar, para deixar para trás a escuridão indiferente e o fedor a sangue.

Nada foi como antes depois da chegada do monstro. A casa encantadora com os seus grandes quartos e acres de pisos luzidios carregaria para sempre a mancha do seu fantasma e o eco da inocência perdida de Olívia.

A mãe tinha-lhe dito que os monstros não existiam, que eram apenas a fingir e que os sonhos maus não passavam de sonhos. Mas na noite em que ela viu, ouviu e cheirou o monstro, a mãe não pôde dizer-lhe que não era verdadeiro.

E não havia mais ninguém para se sentar na sua cama, para lhe afagar os cabelos e lhe contar histórias bonitas até ela voltar a adormecer.

O pai contava-lhe as melhores histórias, histórias maravilhosamente tolas com girafas cor-de-rosa e vacas de duas cabeças. Mas ele tinha adoecido e a doença tinha-o feito fazer coisas más e dizer palavrões numa voz alta e rápida que não parecia nada a dele. Ele tinha sido obrigado a ir-se embora. A mãe dissera-lhe que ele se ia embora até estar curado. Era por isso que ele só podia ir visitá-la de vez em quando, e a mãe, a tia Jamie ou o tio David tinham de ficar no quarto o tempo todo.

Certo dia, tinham-na deixado ir à casa nova do pai que ficava na praia. A tia Jamie e o tio David tinham-na levado e ela ficara fascinada e encantada a ver, através da ampla parede envidraçada, as ondas subirem e descerem, a água estender-se infinitamente até tocar o céu.

Então o pai quis levá-la à praia para brincar com ela, para construir castelos de areia. Mas a tia não deixara. Não era permitido. Os dois tinham discutido, primeiro naquele tom de voz baixo que os adultos acham que as crianças não ouvem. Mas Olívia tinha ouvido e sentara-se àquela enorme janela a fitar intensamente a água. E quando as vozes começaram a elevar-se, ela obrigou-se a não ouvir, porque lhe faziam doer a barriga e arder a garganta.

E ela recusava-se a ouvir o pai a chamar palavrões à tia Jamie, ou o tio David a dizer numa voz áspera: *Tem cuidado, Sam. Tem cuidado. Isto não vai ajudar-te.*

Por fim, a tia Jamie tinha dito que eles tinham de se ir embora e tinha-a levado para o carro. Ela tinha acenado por cima do ombro da tia, mas o pai não lhe tinha respondido. Fitara-a apenas e as suas mãos tinham permanecido cerradas em punhos.

Não a tinham deixado regressar à casa da praia para ver de novo as ondas.

Mas o pesadelo tinha começado antes disso. Semanas antes da casa da praia, ainda mais semanas antes de o monstro aparecer.

Tudo acontecera após a noite em que o pai entrara no quarto dela e a acordara. Ele andara nervosamente de um lado para o outro, sussurrando para si mesmo. Era um som áspero, mas quando Olívia o escutara na grande cama com o seu dossel de renda branco, não sentira medo. Porque era o papá. Até quando o luar iluminara o rosto dele e o revelara com uma expressão malévola e os olhos demasiado cintilantes, continuara a ser o seu papá.

Amor e ansiedade preenchiam-lhe o coração.

O pai tinha dado corda à caixa de música que ela tinha sobre a cómoda, a que tinha a Fada Azul do Pinóquio e que tocava «When You Wish Upon a Star».

Olívia sentara-se na cama e sorria cheia de sono. — Olá, papá. Conta-me uma história.

— Vou contar-te uma história. — Ele tinha virado a cabeça e fitado a filha, o pequeno vulto de cabelo louro desgrenhado e grandes olhos castanhos. Mas só tinha visto a própria fúria. — Vou contar-te uma história e tanto, minha querida Livvy. É sobre uma pega muito bonita que aprende como mentir e enganar.

— Onde vivia a égua, papá?

— Que égua?

— A que era muito bonita.

Ele tinha-se voltado para trás nessa altura com um esgar nos lábios. — Nunca ouves o que eu digo! Não ouves mais do que ela! Eu disse *pega*, raios!

O estômago de Olívia deu um salto quando ele gritou, e ela sentiu um sabor esquisito a metal que não reconheceu como medo. Era a primeira vez que o sentia. — O que é uma pega?

— A tua mãe. A tua mãe é uma pega. — Passou com o braço por cima da cómoda e deitou a caixa de música e mais uma dúzia de pequenos tesouros ao chão.

Na cama, Olívia encolheu-se e começou a chorar.

Ele estava a gritar com ela, a pedir-lhe desculpas. *Pára já com a choradeira!* Ia comprar-lhe uma caixa de música nova. Quando se aproximara

para a pegar ao colo, ela sentira um cheiro esquisito, como cheirava uma sala depois de uma festa de adultos e antes de a Rosa fazer a limpeza.

Então a mãe entrara esbaforida. Tinha os longos cabelos soltos, e a camisa de noite brilhava ao luar.

— Sam, por amor de Deus, o que estás a fazer? Pronto, Livvy, não chores. O papá está arrependido.

O ressentimento quase o sufocou quando ele olhou para as duas cabeças louras juntas. O choque de constatar que tinha os punhos cerrados, que queriam, *ansiavam*, bater, quase o fez cair em si. — Já lhe pedi desculpa.

Mas quando ele começou a avançar, com intenção de se desculpar uma vez mais, a mulher levantou a cabeça. Na escuridão, os olhos dela brilhavam com uma ferocidade que tocava as raias do ódio. — Não te aproximes dela. — E a ameaça violenta na voz da mãe tinha feito Olívia gemer.

— Não me digas para não me aproximar da minha filha. Estou farto de receber ordens tuas, Julie!

— Estás pedrado outra vez. Não te deixo chegares-te a ela quando estiveste a consumir.

Depois Olívia só conseguiu ouvir gritos horríveis, mais coisas a estilhaçar, o som da mãe a gritar de dor. Para fugir daquilo, desceu da cama e enfiou-se no guarda-roupa para se enterrar no meio da sua montanha de peluches.

Mais tarde, Olívia soube que a mãe tinha conseguido trancá-lo fora do quarto e que tinha chamado a polícia a partir do seu telefone do Rato Mickey. Mas naquela noite, ela só sabia que a mãe se tinha enfiado no guarda-roupa com ela, a abraçara com força e lhe prometera que tudo ficaria bem.

Tinha sido nessa altura que o pai se tinha ido embora.

Recordações daquela noite conseguiam intrometer-se nos seus sonhos. Quando isso acontecia, e ela acordava, Olívia descia da cama e ia para o quarto da mãe que ficava mesmo no fim do corredor. Para ter a certeza de que ela lá estava. Para ver se o pai já tinha voltado e já estava bom outra vez.

Às vezes iam para um hotel, ou para outra casa. O trabalho da mãe obrigava-a a viajar. Depois de o pai ter adoecido, Olívia ia sempre com ela. As pessoas diziam que a mãe dela era uma estrela e Olívia tinha vontade de rir. Ela sabia que as estrelas eram as luzinhas no céu e que a mãe estava mesmo ali ao pé dela.

A mãe de Olívia fazia filmes e muitas pessoas iam visitá-la fingindo ser outra pessoa. O pai também fazia filmes e ela sabia a história de como

os dois se tinham conhecido enquanto fingiam que eram outras pessoas. Tinham-se apaixonado e casado, e tinham tido uma filha.

Quando Olívia sentia saudades do pai, podia ver no livro de couro as fotografias todas do casamento quando a mãe tinha sido uma princesa com um longo vestido branco que cintilava e o pai tinha sido o príncipe com o seu fato negro.

Havia um grande bolo prateado e branco, e a tia Jamie tinha usado um vestido azul que a fazia quase tão bonita como a mãe. Olívia imaginava-se dentro das fotografias. Ela usaria um vestido cor-de-rosa e flores no cabelo, e daria as mãos aos pais e sorriria. Nas fotografias, todos sorriam e estavam felizes.

Naquela Primavera e naquele Verão, Olívia olhou muitas vezes para o grande livro de couro.

Na noite em que o monstro apareceu, Olívia ouviu gritos enquanto dormia e começou a contorcer-se e a choramingar. *Não lhe façás mal*, pensou. *Não façás mal à minha mamã. Por favor, papá.*

Então acordou com um grito na cabeça e o eco no ar. E a querer a mãe.

Desceu da cama, os pezinhos silenciosos sobre a carpete. Esfregando os olhos, deambulou pelo corredor onde a luz era fraca.

Mas o quarto com a sua grande cama azul e bonitas flores brancas estava vazio. O cheiro da mãe estava lá, um conforto. Todos os frascos e potes mágicos estavam no toucador. Olívia entreteve-se um pouco a brincar com eles e a fingir que punha as cores e cheiros como a mãe fazia.

Um dia também ela seria bonita. Como a mamã. Era o que todos diziam. Olívia cantarolava para si mesma enquanto se enfeitava e posava perante o espelho alto, rindo baixinho ao imaginar-se vestindo um longo vestido branco, como uma princesa.

Quando se cansou disto e se sentiu de novo sonolenta, saiu do quarto em busca da mãe.

Ao aproximar-se das escadas, viu que as luzes estavam acesas no piso inferior. A porta de casa estava aberta e a brisa de finais de Verão agitou-lhe a camisa de noite.

Ela pensou que deviam ter visitas e que talvez houvesse bolo. Silenciosa como um rato, desceu as escadas, levando as mãos à boca para conter um risinho.

E ouviu a música do filme preferido da mãe, *Bela Adormecida*, tocando bem alto.

A sala de estar expandia-se a partir do hall de entrada, com altos tetos abobadados, e oceanos de vidro que abriam a sala para o jardim que

a mãe adorava. Havia uma enorme lareira de lápis-lazúli e o chão era de puro mármore branco. Flores jorravam de jarras de cristal e os candeeiros tinham abat-jours da cor de pedras preciosas.

Mas naquela noite, as jarras estavam partidas, estilhaçadas nos ladrilhos, e as suas flores exóticas elegantes amachucadas e murchas. As brilhantes paredes cor de marfim estavam salpicadas de vermelho e as mesas que a alegre Rosa mantinha bem polidas estavam de pernas para o ar.

Havia um cheiro terrível que parecia colar-se à garganta de Olívia e lhe provocava náuseas.

A música prosseguia num crescendo, um culminar de cordas soluçantes.

Olívia viu vidro cintilando no chão como diamantes espalhados e riscos a vermelho manchando o chão branco. Choramingando pela mãe, entrou na sala. E viu.

Atrás do canto do sofá grande, a mãe jazia de lado, um braço estendido, dedos bem abertos. O cabelo louro estava molhado com sangue. Tanto sangue. O robe branco que tinha vestido estava também vermelho de sangue e todo esfarrapado.

Ela não conseguiu gritar. Não conseguiu. Os olhos começaram a revirar-se, o coração a bater com força contra as costelas e um fio de urina a escorrer-lhe pelas pernas. Mas ela não conseguiu gritar.

Então, o monstro que estava agachado sobre a sua mãe, o monstro com mãos vermelhas até aos pulsos, com riscos vermelhos na cara e na roupa, ergueu os olhos. O seu olhar era louco e brilhante como o vidro que cintilava no chão.

— Livvy — disse o pai. — Céus, Livvy!

E quando ele se levantou aos tropeções, ela viu o brilho prateado e vermelho da tesoura ensanguentada que estava na mão dele.

Mas continuava a não conseguir gritar. E começou a correr. O monstro era verdadeiro, o monstro vinha atrás dela e ela tinha de se esconder. Olívia ouviu um longo e choroso gemido, como o uivo de um animal agonizante na floresta.

Ela correu para o seu guarda-roupa e enterrou-se no meio dos brinquedos de peluche. Ali também escondeu a sua mente. Fitou cegamente a porta, chupando silenciosamente o polegar e mal ouvia o monstro que continuava a uivar e a chamar por ela.

Portas batiam como tiros de arma. O monstro soluçava e gritava, espatifando a casa enquanto chamava o nome dela. Um touro selvagem com sangue nos cornos.

Olívia, uma boneca entre bonecos, encolheu-se bem e esperou que a mãe a fosse acordar do pesadelo.

* * *

Foi ali que Frank Brady a encontrou. Ela podia ter passado despercebida, no meio de tantos ursos e cães e bonecas bonitas. Ela não se mexia, não emitia um único som. O cabelo era de um louro-dourado, brilhante como chuva sobre os ombros; o rosto oval incolor, dominado por enormes olhos âmbar sob sobranceiras tão escuras como pele de marta.

Os olhos da mãe, pensou ele com lúgubre compaixão. Olhos que ele fitara dezenas de vezes no cinema. Olhos que ele examinara menos de uma hora antes e que encontrara vítreos e sem vida.

Os olhos da criança olharam para ele, através dele. Reconhecendo choque, ele agachou-se e pôs as mãos nos joelhos em vez de tocar na menina.

— Sou o Frank — disse ele em voz baixa, mantendo os olhos nos dela. — Não te vou fazer mal. — Parte dele queria chamar o parceiro, ou alguém da equipa de investigação, mas ele achou que um grito poderia assustá-la. — Sou agente da polícia. — Muito lentamente, ergueu uma mão para indicar o distintivo que tinha no bolso do peito. — Sabes o que faz um polícia, querida?

Ela continuou simplesmente a fitá-lo, mas ele achou que tinha visto uma faúlha nos olhos da menina. *Consciência*, pensou Frank. *Ela consegue ouvir-me*. — Nós ajudamos pessoas. Estou aqui para tomar conta de ti. Estes bonecos são todos teus? — Ele sorriu para ela e pegou num Sapo Cocas de borracha. — Eu conheço este maroto. Entra na *Rua Sésamo*. Costumas ver na televisão? O meu patrão é igualzinho ao Óscar, o rabugento. Mas não lhe contes que eu disse isto.

Como ela não respondeu, ele pegou em todos os personagens da *Rua Sésamo* de que se lembrava, fazendo comentários, deixando o Sapo Cocas pular-lhe em cima do joelho. O modo como ela o observava, de olhos esbugalhados e aterradoramente vítreos, cortava-lhe o coração.

— Queres sair agora? Tu e o Cocas? — Frank estendeu uma mão e esperou.

A dela levantou-se como a de uma marionete. Então, quando se estabeleceu o contacto, ela caiu nos braços dele, estremecendo e enterrando a cara no ombro dele.

Frank era polícia havia dez anos e, mesmo assim, estava comovido.

— Pronto, bebé. Está tudo bem. Vais ficar bem. — Frank afagou-lhe os cabelos com uma mão e embalou-a por um momento.

— O monstro está cá — sussurrou ela.

Frank parou então, pegou nela ao colo e levantou-se. — Ele já se foi embora.

— O senhor foi atrás dele?
— Ele fugiu. — Frank olhou em redor, encontrou um cobertor e embrulhou a menina.

— Eu tive de me esconder. Ele estava à minha procura. Ele tinha a tesoura da mamã. Eu quero a mamã.

Deus. Meu Deus, era só o que vinha ao pensamento dele.

Ao escutar passos no corredor, Olívia soltou um gemido e agarrou-se com força ao pescoço de Frank. Ele murmurou-lhe, dando-lhe palmadinhas nas costas enquanto se dirigia para a porta.

— Frank, aí está... encontraste-a. — O detective Tracy Harmon observou atentamente a menina abraçada ao parceiro e passou uma mão pelos cabelos. — O vizinho disse que há uma irmã. Jamie Melbourne. O marido é David Melbourne, um agente musical. Vivem a apenas um quilómetro daqui.

— É melhor avisá-los. Querida, queres ir ver a tua tia Jamie?

— A mamã está lá?

— Não. Mas acho que ela queria que tu fosses.

— Tenho sono.

— Podes dormir, querida. Fecha os olhos.

— Ela viu alguma coisa? — murmurou Tracy.

— Sim. — Frank acariciou os cabelos da menina e ela fechou os olhos. — Sim, acho que ela viu de mais. Podemos agradecer a Deus o patife estar demasiado pedrado para a encontrar. Telefona à irmã. Vamos levar já a miúda antes que a imprensa saiba disto.

* * *

Ele voltou. O monstro voltou. Ela via-o a deslizar pela casa com a cara do pai e a tesoura da mãe. Sangue escorria pelas lâminas como fitas brilhantes. Com a voz do pai, ele sussurrava incessantemente o nome dela.

Livvy, Livvy, meu amor. Sai daí. Sai e eu conto-te uma história.

E as lâminas compridas e afiadas na sua mão abriam e fechavam enquanto ela corria em direcção ao guarda-roupa.

— Não, papá! Não, não, não!

— Livvy. Oh, querida, está tudo bem. Eu estou aqui. A tia Jamie está aqui.

— Não o deixes entrar. Não o deixes encontrar-me. — Choramingando, Livvy afundou-se nos braços de Jamie.

— Eu não deixo. Prometo. — Devastada, Jamie encostou o rosto à curva frágil do pescoço da sobrinha. Depois embalou-a à delicada meia-luz

do candeeiro da mesinha-de-cabeceira até Olívia parar de tremer. — Eu protejo-te.

Jamie pousou a face no topo da cabeça de Olívia e deixou as lágrimas rolares. Não se permitiu soluçar, embora soluços quentes e amargos se acumulassem na sua garganta. As lágrimas eram silenciosas, deslizando-lhe pelas faces e humedecendo o cabelo da menina.

Julie. Oh, meu Deus!

Ela queria gritar o nome da irmã. Queria berrá-lo. Mas tinha de pensar na menina que naquele momento adormecia nos seus braços.

Julie teria querido que lhe protegessem a filha. Deus sabia como ela tinha tentado proteger a sua menina.

E agora Julie estava morta.

Jamie continuou a baloiçar-se, acalmando-se agora que Olívia dormia nos seus braços. A mulher inteligente e bonita com a gargalhada perversamente rouca, o coração bondoso e o talento infinito, morta aos trinta e dois anos. Assassinada, tinham-lhe dito os dois detectives de olhar soturno, pelo homem que tinha afirmado amá-la até à loucura.

Bem, Sam Tanner era louco, pensou Jamie enquanto cerrava as mãos em punhos brutais. Louco com ciúmes, com drogas, com desespero. Agora tinha destruído o objecto da sua obsessão.

Mas nunca poria as mãos em cima da menina.

Delicadamente, Jamie voltou a deitar Olívia, ajeitou-lhe as cobertas e deixou por instantes os dedos sobre o cabelo louro. Ela lembrava-se da noite em que Olívia nascera, do modo como Julie tinha rido entre contracções.

Só Julie MacBride era capaz de se rir com o trabalho de parto, pensou Jamie. E Sam tinha estado incrivelmente bonito e nervoso, os olhos azuis cintilando com excitação e medo, o cabelo negro desgrenhado que ela própria tinha alisado com os dedos para o acalmar.

Depois ele tinha levado aquela menina linda até ao vidro com os olhos cheios de lágrimas de amor e assombro.

Sim, ela lembrava-se disso e lembrava-se de pensar, enquanto sorria para ele através daquele vidro, que eram perfeitos. Os três faziam a família perfeita. Eram perfeitos uns para os outros.

Assim parecera na altura.

Jamie aproximou-se da janela e fitou o infinito. A estrela de Julie estava em ascensão, e a de Sam já ia alto. Tinham-se conhecido durante a gravação de um filme, tinham-se apaixonado perdidamente e casado quatro meses depois enquanto a imprensa delirava com eles.

Jamie admitia que tinha ficado preocupada. Tinha tudo acontecido tão depressa, tão ao estilo de Hollywood. Mas Julie sempre soubera exactamente o que queria, e ela queria Sam Tanner. Durante uns tempos haviam

parecido felizes-para-sempre como as histórias que Julie contava à filha ao deitar.

Mas este conto de fadas tinha acabado em pesadelo — a quarteirões de distância, apenas a alguns quarteirões de distância enquanto ela dormia, pensou Jamie, fechando com força os olhos para conter os soluços.

Os clarões súbitos fizeram-na saltar para trás e o coração começou a bater desenfreadamente. *O David*, pensou ela, e virou-se rapidamente para a cama para verificar se Olívia dormia pacificamente. Deixando a luz baixinha, saiu apressadamente do quarto. Estava a descer as escadas quando a porta se abriu e o marido entrou.

Ele ficou parado durante um tempo, um homem alto de ombros largos. O cabelo castanho-escuro estava remexido, os olhos, uma mistura discreta de cinzento e verde, repletos de fadiga e horror. Força fora o que ela sempre encontrara neles. Força e estabilidade. Agora ele parecia doente e abalado, a habitual compleição morena estava pálida, um músculo pulava no queixo rectangular e firme.

— Céus, Jamie! Oh, meu Deus! — A voz cedeu e, de alguma forma, isso piorou a situação. — Preciso de uma bebida. — Virou costas e caminhou tremulamente até ao salão da frente.

Ela teve de se agarrar ao corrimão para não cair antes de conseguir ordenar às pernas para se mexerem, para o seguirem. — David?

— Preciso de um minuto. — As mãos dele tremiam visivelmente quando ele tirou uma garrafa de whisky do bar e se serviu de um cálice. David apoiou uma mão na madeira, levantou o cálice com a outra e bebeu-o como se fosse remédio. — Céus, o que ele lhe fez!

— Oh, David! — Explodiu ela. O controlo que tinha conseguido manter desde que a polícia lhe tinha batido à porta estilhaçou-se. Jamie deixou-se cair no chão em espasmos, soluços e tremores.

— Desculpa, desculpa. — Ele correu até ela e abraçou-a com força. — Oh, Jamie, lamento imenso.

E ali ficaram, no chão da bonita sala, enquanto o dia nascia. Ela chorava em súbitos espasmos descontrolados e ele indagava-se como é que os ossos dela não se quebravam com a força dos mesmos.

Os espasmos transformaram-se em gemidos que eram o nome da irmã e depois os gemidos deram lugar ao silêncio.

— Vou levar-te para cima. Precisas de te deitar.

— Não, não, não. — As lágrimas tinham ajudado. Jamie disse para si mesma que tinham ajudado, embora a tivessem deixado esgotada e dorida. — A Livvy pode acordar. Vai precisar de mim. Eu fico bem. Tenho de ficar.

Endireitou-se, passando as mãos pelo rosto para o secar. A cabeça latejava como uma ferida aberta, o estômago era uma concentração de cã-

bras. Mas ela levantou-se. — Preciso que me digas. Preciso que me contes tudo. — Quando ele abanou a cabeça, ela ergueu o queixo. — Eu preciso de saber, David.

Ele hesitou. Ela parecia tão cansada, tão pálida e frágil. Onde Julie fora longa e robusta, Jamie era pequena e delicada. Ambas tinham uma aparente delicadeza que ele sabia ser enganadora. Ele brincara muitas vezes com o facto de as irmãs MacBride serem miúdas de fibra, criadas para escalar montanhas e andarem pelas florestas.

— Vamos fazer um café. Conto-te tudo o que sei.

Como a irmã, Jamie tinha-se recusado a ter empregados a tempo inteiro. Tratava-se da sua casa e ela não ia sacrificar a sua privacidade. A mulher-a-dias só chegaria daí a duas horas, por isso ela preparou o café enquanto David se sentava à bancada a olhar pela janela.

Não falaram. Na sua cabeça, Jamie recapitulava as tarefas que teria de enfrentar naquele dia. O telefonema aos pais seria a pior e ela estava já a preparar-se para isso. Providências para o funeral tinham de ser tomadas — com cuidado, para assegurar o máximo de dignidade e privacidade. A imprensa estaria a salivar. Ela ia garantir que a televisão se manteria desligada enquanto Olívia estivesse em sua casa.

Jamie pousou duas chávenas de café em cima da bancada e sentou-se: — Conta-me.

— Não há muito a acrescentar ao que o detective Brady já nos disse — começou David. — Não houve entrada forçada. Ela deixou-o entrar. Ela estava... vestida para se deitar, mas ainda não tinha ido para a cama. Parece que estava na sala a tratar de recortes. Sabes o quanto ela gostava de enviar recortes aos teus pais.

David passou as mãos pela cara e depois pegou no café. — Eles devem ter discutido. Havia sinais de luta. Ele atacou-a com a tesoura. — Os olhos dele transbordavam horror. — Jamie, ele deve ter perdido a cabeça.

David olhou para a mulher e fitou-a. Quando lhe pegou na mão, ela apertou-lha com força. — Ele... foi uma coisa rápida?

— Eu não... nunca vi... ele enlouqueceu. — David fechou os olhos por um instante. De qualquer forma, ela ia acabar por saber. Haveria fuga de informação, os *media* encher-se-iam de verdades e mentiras. — Jamie, ela estava... ele apunhalou-a repetidamente e cortou-lhe o pescoço.

A cor esvaiu-se do rosto de Jamie, mas ela manteve a mão firme na dele. — Ela ofereceu resistência? Deve ter lutado com ele. Deve tê-lo magoado.

— Não sei. Têm de fazer uma autópsia. Saberemos mais após isso. Eles acham que a Olívia viu alguma coisa e depois se escondeu dele. —

David bebeu café na vaga esperança de que este lhe acalmasse o estômago.
— Querem falar com ela.

— Ela não pode ser submetida a isso. — Desta vez ela recuou, soltando a mão. — Ela não passa de um bebê, David. Não vou permitir que eles a submetam a isso. Eles sabem que foi ele — disse ela com um amargor feroz e rancoroso. — Não permitirei que a filha da minha irmã seja interrogada pela polícia.

David expirou longamente. — Ele afirma que encontrou a Julie naquele estado. Que entrou e a encontrou já morta.

— Mentiroso. — Os olhos de Jamie faiscavam, e a cor voltou-lhe às faces, intensa e apaixonadamente. — Sacana assassino! Quero-o morto. Quero matá-lo com as minhas próprias mãos! Ele fez da vida dela um inferno neste último ano e agora matou-a. Arder no inferno não basta.

Jamie afastou-se com vontade de bater nalguma coisa, de reduzir alguma coisa a flocos. Depois estacou quando viu Olívia à porta a olhar fixamente para si de olhos esbugalhados.

— Livvy.

— Onde está a mamã? — O lábio inferior tremelicava. — Quero a minha mamã.

— Livvy. — Com a raiva esvaindo-se em dor, e a dor em impotência, Jamie baixou-se e pegou-a ao colo.

— O monstro fez mal à minha mamã. Ela já está bem?

Por cima da cabeça da criança, os olhos desesperados de Jamie fitaram os do marido. Ele estendeu uma mão e ela aproximou-se para que os três pudessem abraçar-se.

— A tua mãe teve de partir, Livvy. — Jamie fechou os olhos enquanto depositava um beijo na testa de Olívia. — Ela não queria, mas teve de ir.

— Ela volta depressa?

Jamie sentiu uma agitação no peito, como uma onda quebrando-se contra um rochedo. — Não, querida. Ela não vai voltar.

— Ela volta sempre.

— Desta vez ela não pode. Teve de ir para o Céu para ser um anjo.

Olívia esfregou os olhos. — Como num filme?

Como as pernas estavam a começar a tremer-lhe, Jamie sentou-se, embalando a filha da irmã. — Não, querida, desta vez não é como num filme.

— O monstro fez-lhe mal e eu fugi. Por isso ela não vai voltar. Está zangada comigo.

— Não, não, Livvy. — Rogando por sabedoria, Jamie recostou-se e emoldurou o rosto de Olívia entre as mãos. — Ela queria que tu fugisses. Ela queria que tu fosses uma menina esperta e que fugisses e te escondesses.

Para ficares em segurança. Era isso que ela mais queria. Se não tivesses feito isso, ela teria ficado muito triste.

— Então ela vai voltar amanhã. — Amanhã era um conceito que ela conhecia apenas como mais tarde, depois, em breve.

— Livvy. — Acenando com a cabeça à mulher, David passou a criança para o seu colo e ficou aliviado quando ela encostou a cabeça ao seu peito e suspirou. — Ela não pode voltar, mas vai estar sempre a observar-te do Céu.

— Não quero que ela esteja no Céu. — Olívia começou então a chorar em pequenos soluços fungosos. — Quero ir para casa para ao pé da minha mamã.

Quando Jamie tentou pegar-lhe, David abanou a cabeça. — Deixa-a chorar — murmurou ele.

Jamie contraiu os lábios e acenou concordantemente com a cabeça. Depois levantou-se para ir até ao quarto telefonar aos pais.

2.

A imprensa perseguia implacavelmente, uma matilha de lobos raivosos fajeando sangue. Pelo menos era assim que Jamie pensava quando se barriçou com a família dentro de casa. Para ser justo, grande parte dos repórteres estava em choque e transmitia a história com o máximo de cuidado que as circunstâncias permitiam.

Julie MacBride tinha sido bem amada — desejada, admirada e invejada — mas, ainda assim, amada.

Mas Jamie não estava a sentir-se particularmente justa. Não quando Olívia ficava sentada na sala de visitas como se fosse uma boneca ou deambulava pela casa tão pálida como um fantasma. Não bastava a criança ter perdido a mãe de uma forma tão horrível? Não bastava ela própria ter perdido a irmã, sua gémea, a sua melhor amiga?

Mas ela vivia já há oito anos no mundo ofuscante de Hollywood, com as suas sombras sedutoras, e sabia que nunca bastava.

Julie MacBride tinha sido uma figura pública, um ícone de beleza, talento e sexo, uma rapariga do campo que se tinha transformado numa glamorosa princesa do cinema e que tinha casado com o príncipe regente e vivido com ele no seu castelo cintilante em Beverly Hills.

Os que deixavam o dinheiro na bilheteira, os que devoravam os artigos espumpanantes da *People* ou os absurdos dos tablóides, consideravam-na sua. Julie MacBride do sorriso rápido e deslumbrante e da voz rouca.

Mas não a conheciam. Oh, achavam que sim, com as suas revelações, as suas entrevistas e artigos sensacionalistas. Julie fora certamente aberta e sincera na maioria deles. Ela era assim, e nunca dera o seu sucesso por garantido. Sempre fora algo que a entusiasmava e deliciava. Mas independentemente de quanto papel, gravações ou filmes fossem gastos com a atriz, nunca ninguém compreendera realmente a mulher: o seu sentido de humor, o amor pela floresta e pelas montanhas do Estado de Washington em que crescera, a lealdade absoluta para com a família, o amor e devoção inabaláveis pela filha.

E o amor trágico e imortal pelo homem que a tinha matado.

Era isso que Jamie tinha maior dificuldade em aceitar. Não conseguia parar de pensar que ela o tinha deixado entrar. No final, tinha-se deixado levar pelo coração e tinha aberto a porta ao homem que amava, mesmo sabendo que ele já não era esse homem.

Teria ela feito a mesma coisa? As duas tinham partilhado bastante, eram mais do que irmãs, mais do que amigas. Em parte devido ao facto de serem gémeas, sem dúvida, mas a acrescentar a isso o facto de terem crescido juntas no meio da natureza. As horas, os dias, as tardes que tinham passado juntas a explorar, a aprender, a apreciar os aromas, sons e segredos da floresta. Seguindo trilhos, dormindo sob as estrelas. Partilhando sonhos com a mesma naturalidade com que outrora tinham partilhado o ventre.

Agora era como se algo em Jamie tivesse também morrido. A parte mais generosa, pensava ela. A mais fresca e vulnerável. Ela duvidava que algum dia fosse capaz de voltar a sentir-se completa. Ela sabia que nunca mais seria a mesma.

Forte, podia ser forte. Teria de ser. Olívia dependia dela; David ia precisar dela. Ela sabia que também ele tinha amado Julie e a vira como uma irmã. E os pais delas como seus.

Jamie parou de andar de um lado para o outro e olhou para as escadas. Eles estavam lá, com Olívia no quarto dela. E iam também precisar dela. Por muito fortes que fossem, iam precisar da única filha que lhes restava para os ajudar a ultrapassar as semanas seguintes.

Quando a campainha da porta tocou, ela sobressaltou-se e depois fechou os olhos. Ela, que em tempos se considerara tão destemida, assustava-se agora por tudo e por nada. Jamie inspirou profundamente e expirou lentamente.

David tinha conseguido uns guardas para a casa, e os repórteres tinham recebido ordens para não entrarem na propriedade. Mas, durante aquele dia terrível e infundável, ocasionalmente havia um que conseguia passar. Ela queria ignorar a campainha. Deixá-la tocar e tocar e tocar. Mas isso iria perturbar Olívia e os seus pais.

Jamie dirigiu-se à porta tencionando arrancar a pele ao repórter, mas, através dos painéis de vidro embutido, reconheceu os detectives que lá tinham ido ainda de madrugada para lhe dizer que Julie estava morta.

— Sra. Melbourne. Desculpe incomodá-la.

Foi Frank Brady quem falou, e foi nele que Jamie se concentrou. — Detective Brady, não é?

— Sim. Podemos entrar?

— Claro. — Jamie recuou. Frank reparou que ela tinha controlo suficiente para se manter atrás da porta para evitar que as equipas de filmagem a apanhassem. Tinha sido no controlo dela que ele havia reparado, e admirado, na noite anterior.

Frank recordou que ela tinha corrido para fora de casa, mesmo antes de eles terem estacionado à entrada. Mas assim que ela vira a menina nos braços dele, parecera acalmar-se e cair em si. Ela tinha pegado na sobrinha, aconchegando-a nos braços, e tinha-a levado para o quarto.

Frank observou-a de novo com atenção enquanto ela os conduzia à sala.

Ele sabia agora que ela e Julie MacBride eram gémeas, sendo Jamie sete minutos mais velha. Contudo, não havia tantas semelhanças como seria de esperar. Julie MacBride fora detentora de uma beleza fulgurante — apesar dos traços delicados e da pele clara, ela tinha irradiado uma chama que quase incendiava o espectador.

A irmã tinha uma aparência mais sóbria, cabelo mais castanho do que louro por altura do queixo, olhos mais chocolate do que ouro sem aquele formato sensual. Frank calculava que ela medisse pouco mais de um metro e meio e pesasse cerca de cinquenta quilos, enquanto a irmã fora uma mulher de um metro e setenta.

Ele indagava-se se ela teria tido inveja da irmã, daquela aparência perfeita e da fama excessiva.

— Desejam alguma coisa? Um café?

Foi Tracy quem respondeu, pensando que precisava de fazer alguma coisa normal antes de ir directo ao assunto. — Não me importava de beber um café, Sra. Melbourne. Se não der muito trabalho.

— Não... vou já tratar disso. Sentem-se, por favor.

— Ela está a aguentar-se — comentou Tracy quando já se encontrava a sós com o parceiro.

— Ela é forte. — Frank entreabriu os cortinados para observar a multidão de repórteres nos limites da propriedade. — Isto vai dar pano para mangas. Não é todos os dias que a princesa da América é esfarripada dentro do próprio castelo.

— Pelo príncipe — acrescentou Tracy. Tocou no bolso onde guardava os cigarros e depois pensou melhor no assunto. — Talvez tenhamos mais uma hipótese com ele antes que ele se recomponha e chame um advogado.

— Então é melhor apressarmo-nos. — Frank fechou o cortinado e virou-se no momento em que Jamie regressava à sala com um tabuleiro de café.

Sentou-se depois dela. Não sorriu. Os olhos dela diziam-lhe que ela não queria, nem queria, amenidades nem máscaras. — Agradecemos a sua compreensão, Sra. Melbourne. Sabemos que é uma altura complicada para si.

— Neste momento parece que nunca vai deixar de o ser. — Jamie esperou que Tracy deitasse duas colheres de açúcar na caneca de café. — Querem falar comigo acerca da Julie.

— Sim, senhora. Tinha conhecimento de que há cerca de três meses a sua irmã ligou para o 112 devido a um problema doméstico?

— Sim. — As mãos dela estavam firmes quando ela levantou a própria caneca. — O Sam chegou a casa com uma atitude abusiva. Desta vez, fisicamente abusiva.

— Desta vez?

— Ele já tinha sido verbal e emocionalmente abusivo anteriormente. — A voz dela era enérgica e clara. Jamie recusava-se a deixá-la tremer. — Que eu saiba, durante o último ano e meio.

— É da sua opinião que o Sr. Tanner tem problemas com drogas?

— Sabe perfeitamente que o Sam é um viciado. — Os olhos dela estavam fixos nos de Frank. — Se ainda não tinha percebido isso, então está na profissão errada.

— Desculpe, Sra. Melbourne. O detective Brady e eu estamos apenas a tentar tocar todas as bases. Temos de perceber se a senhora conhecia o marido da sua irmã e as suas rotinas. Talvez ela tenha falado consigo acerca dos problemas pessoais dos dois.

— Claro que sim. A Julie e eu éramos muito chegadas. Falávamos de tudo. — Por um momento, Jamie virou o rosto, esforçando-se por manter tudo sob controlo: voz, mãos, olhos. — Eu acho que tudo começou há alguns anos com cocaína social. — Ela sorriu, mas foi um sorriso débil e difícil. — A Julie odiava. Eles discutiam por causa disso. Começaram a discutir por causa de muitas coisas. Os últimos dois filmes dele não tiveram o sucesso esperado, nem a nível da crítica nem financeiramente. Os actores podem ser uma espécie delicada. A Julie estava preocupada porque o Sam se tinha tornado irritadiço e argumentativo. Mas, por mais que ela tentasse suavizar as coisas, a carreira dela estava

em franca ascensão. Ele sentia-se ressentido por isso e começou a ficar ressentido com ela.

— Ele tinha ciúmes dela — disse Frank.

— Sim, quando deveria ter orgulho. Eles começaram a sair mais, a ir a festas, a clubes. Ele sentia que precisava de ser visto. A Julie apoiava-o nisso, mas ela era uma pessoa caseira. Eu sei que é difícil equiparar a imagem, a beleza, o glamour, com a mulher que era mais feliz em casa, no seu jardim, com a sua filha; mas a Julie era assim.

A voz de Jamie cedeu. Ela pigarreou, bebericou um pouco mais de café e prosseguiu: — Ela estava a trabalhar num filme com o Lucas Manning, intitulado *Fumo e Sombras*. Era um papel exigente e difícil. Muito físico. A Julie não podia dar-se ao luxo de trabalhar doze ou catorze horas e depois chegar a casa e ter de se aperaltar para sair noite após noite. Ela queria tempo para relaxar, tempo para estar com a Olívia. Então o Sam começou a sair sozinho.

— Surgiram uns rumores acerca da sua irmã e de Manning.

Jamie olhou para Tracy e acenou com a cabeça. — Sim, costuma haver sempre que duas pessoas bastante atraentes incendeiam o ecrã. As pessoas romantizam, e gostam muito de mexericos. O Sam acusava-a de se envolver com outros homens, mais recentemente com o Lucas em particular. A Julie considerava o Lucas seu amigo e um actor maravilhoso.

— Como é que o Sam reagia a isso? — perguntou-lhe Frank.

Ela suspirou e pousou a caneca, mas não deu sinal da dor de cabeça que estava a sentir. — Se tivesse sido há três ou quatro anos, ele teria rido do assunto e brincado com ela. Em vez disso, perseguia-a e atirava-lhe acusações. Ele acusava-a de tentar controlar a vida dele, de encorajar outros homens e, depois, de andar com outros homens. O Lucas era o seu alvo principal. A Julie ficava bastante magoada com isso.

— Algumas mulheres procuram o apoio de um amigo, de outro homem, quando estão sujeitas a esse tipo de pressão. — Frank observava-a atentamente quando os olhos dela brilharam e a boca se contraiu.

— A Julie levava o casamento a sério. Ela amava o marido. Aparentemente, o suficiente para o apoiar até ele a matar. E se querem dar a volta a isto e fazerem-na parecer reles e ordinária...

— Sra. Melbourne. — Frank ergueu uma mão. — Se queremos encerrar este caso, e que se faça justiça à sua irmã, precisamos de fazer perguntas. Precisamos das peças todas.

Jamie obrigou-se a respirar, inspirando e expirando lentamente, e serviu-se de mais café que não lhe apetecia. — As peças são simples. A carreira dela estava em ascensão e a dele estava a vacilar. Quanto mais vacilava, mais ele se metia nas drogas e mais a culpava a ela. Ela chamou a polícia

naquela noite na última Primavera porque ele a atacou no quarto da filha e ela teve receio pela Livvy. Ela tinha receio por todos.

— Ela pediu o divórcio.

— Essa foi uma decisão difícil para ela. Ela queria que o Sam procurasse ajuda médica e usou a separação como um martelo. Acima de tudo, ela queria proteger a filha. O Sam tinha-se tornado instável. Ela não ia pôr a vida da filha em perigo.

— Contudo parece que ela lhe abriu a porta na noite do crime.

— Sim. — A mão de Jamie tremeu uma vez. Ela pousou o café e cruzou os braços. — Ela amava-o. Apesar de tudo, ela amava-o e acreditava que se ele conseguisse vencer as drogas, eles poderiam reatar. Ela queria ter mais filhos. Ela queria o marido de volta. A Julie teve o cuidado de manter a separação longe da imprensa. Para além da família, as únicas pessoas que tinham conhecimento disso eram os advogados. Ela esperava manter a situação assim o máximo de tempo possível.

— Ela ter-lhe-ia aberto a porta se ele estivesse sob influência de drogas?

— Foi isso que aconteceu, não foi?

— Estou apenas a tentar imaginar um cenário — disse-lhe Frank.

— Deve ter sido o que ela fez. Ela queria ajudá-lo e acreditava que conseguia controlá-lo. Se não fosse a Livvy, não acredito que ela tivesse medido os papéis.

Mas a filha dela estava em casa naquela noite, pensou Frank. Em casa e a correr perigo. — A senhora conhecia ambos muito bem.

— Sim.

— Na sua opinião, Sam Tanner seria capaz de matar a sua irmã?

— O Sam Tanner com que a Julie se casou ter-se-ia atirado para a frente de um comboio para a proteger. — Jamie pegou de novo na caneca de café, mas o líquido não lavou o amargor que lhe revestia a garganta. — Aquele que têm sob custódia é capaz de qualquer coisa. Ele matou a minha irmã. Ele mutilou-a, esfanicando-a como um animal. Quero que morra por isso.

Jamie falava friamente, mas os seus olhos estavam quentes de ódio. Frank cruzou aquele olhar violento e acenou com a cabeça. — Compreendendo o que sente, Sra. Melbourne.

— Não, detective. O senhor nunca poderia compreender.

Frank não respondeu e Tracy ajeitou-se na cadeira. — Sra. Melbourne — começou Frank. — Seria muito útil se pudéssemos falar com a Olívia.

— Ela tem quatro anos de idade.

— Eu sei, mas a realidade é que ela é uma testemunha. Nós precisamos de saber o que ela viu, o que ouviu. — Lendo negação e hesitação no rosto dela, ele pressionou: — Sra. Melbourne, eu não quero causar-lhe, nem

à sua família, mais sofrimento, e não quero transtornar a menina. Mas ela faz parte disto. É uma peça chave.

— Como pode pedir-me que a sujeite a isso, que a obrigue a falar do assunto?

— Está na cabeça dela. O que quer que ela tenha visto ou ouvido já está lá. Nós precisamos de lhe perguntar o que foi. Ela conhece-me daquela noite. Sentiu-se segura comigo. Eu serei cuidadoso com ela.

— Céus. — Jamie levantou as mãos, pressionou os dedos contra os olhos e tentou pensar com clareza. — Eu tenho de estar presente. Tenho de ficar com ela, e o senhor pára se eu disser que já chega.

— Muito bem. Ela sentir-se-á mais confortável na sua presença. Tem a minha palavra, farei os possíveis para não a perturbar. Também tenho um filho.

— Duvido que ele alguma vez tenha assistido a um assassinato.

— De facto, não, mas o pai é polícia. — Frank suspirou um pouco ao levantar-se. — Eles sabem sempre mais do que queremos.

— Talvez. — Ela não podia saber, reflectiu Jamie enquanto os conduzia escada acima. David não quisera ter filhos e, como ela própria não tivera a certeza de os querer, dera-se por satisfeita em ser tia da filha da irmã.

Agora ia ter de aprender. Todos teriam de aprender.

Quando chegaram à porta do quarto, Jamie fez sinal para que os dois detectives se afastassem. Depois entreabriu-a e viu que os pais estavam sentados no chão com Olívia a fazer um puzzle de crianças.

— Mãe, podes chegar aqui um instante?

A mulher que saiu do quarto tinha a pequena estatura de Jamie, mas parecia mais rija, mais atlética. O bronzeado e as pontas do cabelo castanho descoradas pelo sol revelavam a Frank que ela gostava do ar livre. Frank palpitava que ela andasse pela casa dos cinquenta e imaginava que ela passasse por mais nova quando o rosto não estava abatido e marcado com sofrimento. Os suaves olhos azuis, agora inflamados e inchados, passaram fugazmente pela cara de Frank e depois pela do parceiro.

— Esta é a minha mãe, Valerie MacBride. Mãe, estes são os detectives que... São eles que estão à frente da investigação — concluiu Jamie. — Eles precisam de falar com a Livvy.

— Não. — O corpo de Val entrou em alerta e ela fechou a porta atrás de si. — Isso é impossível. Ela não passa de um bebé. Não vou permitir. Não vou deixar que lhe lembrem o que se passou.

— Sra. MacBride... — Mas quando Frank começou a falar, ela virou-lhe as costas.

— Porque não a protegeram? Porque não mantiveram aquele canalha assassino longe dela? A minha bebé está morta. — Tapou a cara com as mãos e chorou silenciosamente.

— Por favor, esperem aqui — murmurou Jamie, colocando os braços em volta da mãe. — Vem deitar-te, mãe. Anda.

Quando Jamie regressou, o seu rosto estava pálido e mostrava sinais de choro. Mas os olhos já estavam secos. — Vamos acabar com isto. — Endireitou os ombros e abriu a porta.

O homem que ergueu os olhos tinha as longas pernas cruzadas ao estilo indiano. O cabelo era uma bela mistura de ouro e prata e emoldurava um rosto estreito bronzeado e atraente. Os olhos de âmbar-escuro que passara à filha mais nova, e à neta, tinham rugas e eram encimados por sobrancelhas escuras.

A mão, grande e comprida, pousou no ombro de Olívia num gesto instintivo de protecção enquanto ele estudava os homens atrás de Jamie.

— Pai. — Jamie obrigou-se a esboçar um sorriso. — Estes são os detectives Brady e Harmon. O meu pai, Rob MacBride.

Rob levantou-se, e embora tenha dado um aperto de mão a cada detective, manteve-se entre os homens e a neta. — Que se passa, Jamie?

— Eles precisam de falar com a Livvy. — Jamie baixou a voz e agarrou na mão dele antes que ele pudesse protestar. — Eles precisam — repetiu ela, apertando-lhe a mão. — Por favor, papá, a mãe está transtornada. Ela está deitada no vosso quarto. Eu vou ficar aqui. Vou ficar aqui com a Livvy o tempo todo. Vai falar com a mãe. Por favor... — Como a voz ameaçava ceder, Jamie parou por um instante. — Por favor, temos de resolver isto. Pela Julie.

Ele dobrou-se e encostou a testa à dela. E permaneceu assim por momentos, corpo dobrado, a mão na dela. — Eu falo com a tua mãe.

— Onde vais, avô? Ainda não terminámos o puzzle.

Ele olhou para trás, lutando contra as lágrimas que queriam inundar-lhe os olhos. — Eu já volto, Livvy, meu amor. Não cresças enquanto eu estiver fora.

Ela riu-se das palavras do avô, mas o polegar já tinha encontrado o caminho até à boca enquanto ela fitava Frank.

Ela sabia quem ele era — o polícia de braços compridos e olhos verdes. A cara dele parecia cansada e triste. Mas ela lembrava-se que ele tinha uma voz agradável e mãos dóceis.

— Olá, Livvy. — Frank acocorou-se. — Lembras-te de mim?

Ela acenou afirmativamente com a cabeça e falou com o polegar na boca. — É o polícia Frank. Foi o senhor que espantou o monstro. Ele vai voltar?

— Não.

— Pode encontrar a minha mamã? Ela teve de ir para o Céu e deve estar perdida. Pode ir procurá-la?

— Quem me dera. — Frank sentou-se no chão e cruzou as pernas como o avô da menina.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas e cortaram o coração de Frank como lâminas minúsculas. — É por ela ser uma estrela? As estrelas têm de estar no céu.

Frank ouviu o gemido baixo de desespero de Jamie atrás dele, rapidamente controlado quando ela se aproximou. Mas naquele momento ele precisava da confiança da menina, por isso fez-lhe uma festa no rosto e deixou-se levar pelo instinto. — Às vezes, quando temos muita sorte, estrelas muito especiais ficam connosco durante um tempo. Quando elas precisam de voltar, nós ficamos tristes. Não faz mal ficar triste. Sabias que as estrelas também lá estão durante o dia?

— Não conseguimos vê-las.

— Não, mas elas estão lá e conseguem ver-nos. A tua mãe vai estar sempre lá a olhar por ti.

— Eu quero que ela volte para casa. Nós vamos dar uma festa no jardim com os meus bonecos.

— Os teus bonecos gostam de festas?

— Toda a gente gosta de festas. — Olívia pegou no Sapo Cocas que tinha trazido de casa. — Ele come escaravelhos.

— E gosta deles simples ou com molho de chocolate?

Os olhos de Olívia iluminaram-se. — Eu gosto de *tudo* com molho de chocolate. O senhor tem uma filha?

— Não, mas tenho um menino que costumava comer escaravelhos.

Olívia riu-se e o polegar voltou a sair da boca. — Não comia nada.

— Comia, sim. Eu tinha medo que ele ficasse verde e começasse aos pulos. — Frank pegou descontraidamente numa peça de puzzle e encaixou-a no sítio. — Gosto de puzzles. Foi por isso que me tornei polícia. Estamos sempre a resolver puzzles.

— Este é da Cinderela no baile. Ela tem um lindo vestido e uma abóbora.

— Às vezes resolvo os puzzles na minha cabeça, mas preciso de ajuda com as peças para conseguir construir a imagem. Achas que podes dar-me uma ajudinha, Livvy? Falando-me da noite em que nos conhecemos?

— O senhor foi até ao meu roupeiro. Eu achava que era o monstro, mas não era.

— Pois foi. Podes dizer-me o que foi que aconteceu antes de eu te ter encontrado?

— Eu escondi-me durante muito tempo e ele não sabia onde eu estava.

— É um bom esconderijo. Brincaste com o Cocas naquele dia, ou com puzzles?

— Brinquei com muitas coisas. A mamã não teve de ir trabalhar e nós fomos nadar para a piscina. Eu consigo ficar sem respirar debaixo de água porque sou como um peixe.

Ele puxou-lhe os cabelos para cima e espreitou para trás do pescoço. — Pois, ali estão as guelras.

Os olhos dela esbugalharam. — A mamã diz que também consegue ver! Mas eu não consigo.

— Gostas de nadar?

— É a coisa mais divertida de todas. Eu tenho de ficar na parte baixinha e não posso ir sem a mamã ou a Rosa ou outra pessoa adulta. Mas um dia vou poder.

— Naquele dia brincaste com amiguinhos?

— Não. Às vezes brinco. — Contraí os lábios e encaixou zelosamente mais uma peça do puzzle. — Às vezes o Billy ou a Cherry ou a Tiffy vão à minha casa, mas naquele dia a mamã brincou comigo e dormimos a sesta e comemos uns biscoitos que a Rosa fez. E a mamã leu o guião dela e riu-se e disse ao telefone: «Lou, adoro!» — Livvy recitou num tom tão equilibrado e adulto que Frank ficou surpreso. — «Sou a Carly. Já era tempo de pôr o dente numa comédia romântica com sagacidade. Fecha o negócio».

— Ah... — Frank hesitava entre surpresa e admiração enquanto Livvy tentava encaixar mais uma peça do puzzle. — Muito bem. Tens uma boa memória.

— O papá diz que se eu tivesse asas, era um papagaio. Eu lembro-me de montes de coisas.

— Aposto que sim. Sabes a que horas foste para a cama?

— Eu devia ir às oito horas. As galinhas vão chocar às oito horas. A mamã contou-me a história da senhora com o cabelo muito comprido que vivia na torre.

— Mais tarde acordaste. Estavas com sede?

— Não. — Levou novamente o polegar à boca. — Tive um sonho mau.

— O meu Noah também tem sonhos maus. Quando ele mos conta, depois sente-se melhor.

— O Noah é o seu filho? Que idade tem ele?

— Tem dez. Queres ver a fotografia dele?

— Sim. — Olívia aproximou-se quando Frank tirou a carteira do bolso. Esticando o pescoço, ela estudou a foto de escola do menino com

cabelo castanho despenteado e um grande sorriso. — Ele é bonito. Talvez ele pudesse vir brincar comigo.

— Talvez. Às vezes ele tem sonhos maus com extraterrestres.

Perdoa-me, Noah, por partilhar o teu segredo, pensou Frank com alguma diversão enquanto guardava a carteira. — Quando ele mos conta, sente-se melhor. Queres contar-me o teu sonho mau?

— Oiço pessoas a gritar. Eu não gosto quando a mamã e o papá brigam. Ele está doente e tem de ficar bom, e nós temos de desejar com muita força para ele ficar melhor e voltar para casa.

— No teu sonho ouviste a mamã e o papá a gritarem?

— Oiço pessoas a gritar, mas não consigo perceber o que dizem. Não quero perceber. Quero que parem. Quero que a minha mamã volte. Alguém grita, como nos filmes que a Rosa vê. Eles gritam e gritam, e eu acordo. Não oiço nada, porque era só um sonho. Quero a mamã.

— Foste ter com ela?

— Ela não estava na cama. Eu queria deitar-me com ela. Ela não se importa. Depois eu...

Olívia calou-se e dedicou bastante atenção ao puzzle.

— Está tudo bem, Livvy. Podes dizer-me o que aconteceu em seguida.

— Não posso mexer nos frascos mágicos. Não parti nenhum.

— Onde estão os frascos mágicos?

— Na mesinha com espelho da mamã. Quando eu for grande, posso ficar com alguns, mas são brinquedos para meninas crescidas. Só brinquei com eles um bocadinho.

Olívia olhou tão seriamente para Frank que ele não pôde deixar de sorrir. — Então não faz mal. O que foi que fizeste a seguir?

— Fui lá para baixo. As luzes estavam ligadas e a porta estava aberta. Estava calor lá fora. Talvez tivéssemos uma visita, talvez pudéssemos comer bolo. — Lágrimas começaram a escorrer-lhe pelas faces. — Não quero dizer agora.

— Não faz mal, Livvy. Podes contar-me. Não faz mal contares-me.

E não fazia. Olívia olhou para os olhos verdes de Frank e sentiu que não fazia mal contar. — Cheira mal e há coisas partidas, e estão vermelhas e molhadas. As flores estão no chão e há vidros. Não podemos andar descalços ao pé de vidro porque magoa. Não quero pisar os vidros. Vejo a mamã e ela está deitada no chão e está cheia de vermelho molhado. O monstro está ao pé dela. Tem a tesoura dela na mão.

Olívia ergueu a sua, dedos bem fechados e um olhar vítreo. — «Livvy. Céus, Livvy» — disse ela numa imitação horrenda da voz do pai. — Eu fugi, e ele não parava de me chamar. Ele estava a partir coisas e vinha atrás de

mim a chorar. Eu escondi-me no armário. — Mais uma lágrima tremeu e caiu. — Fiz chichi nas cuecas.

— Não faz mal, querida. Não importa.

— As meninas crescidas não fazem.

— Tu és uma menina muito crescida. E muito valente e esperta. —

Quando ela sorriu para ele, Frank rezou para não ter de a submeter de novo àquilo.

Ele atraiu a atenção dela para o puzzle, fez um comentário tolo sobre abóboras falantes que a fez rir. Ele não queria que ela se recordasse dele com medo, sangue e loucura.

Mesmo assim, quando Frank chegou à porta e se virou para olhar para trás, os olhos de Olívia estavam fixos nele, silenciosamente suplicantes e com aquela assustadora expressão adulta que só os muito novos conseguem fazer.

Quando começou a descer as escadas, deu por si a pensar como Jamie Melbourne. Ele queria o sangue de Sam Tanner.

— Tem muito jeito para ela. — O controlo de Jamie tinha quase chegado ao fim das suas forças. Ela queria enrolar-se e chorar como fazia a mãe naquele momento. Mergulhar em tarefas e deveres como o marido. Qualquer coisa, qualquer coisa que não fosse reviver tudo aquilo, como acontecera através das palavras de Olívia.

— Ela é uma menina formidável.

— Saiu à mãe.

Ele parou então, virou-se e olhou directamente para Jamie. — Eu diria que ela tem algo da tia.

O rosto de Jamie revelou alguma surpresa e depois ela suspirou. — Ela teve pesadelos ontem à noite, e estou constantemente a apanhá-la a fitar o vazio com aquela... expressão vaga nos olhos. A chuchar no dedo. Ela deixou de chuchar no dedo antes de fazer um ano.

— Ela procura tudo o que a possa reconfortar. Sra. Melbourne, agora tem muitas coisas a preocupá-la, e muitas mais virão. Vai ter de começar a pensar em ajuda médica, não só para a Olívia, mas para todos vocês.

— Pois, eu vou pensar nisso. Neste momento tenho de levar as coisas aos poucos. Quero ver o Sam.

— Essa não é uma boa ideia.

— Quero ver o homem que assassinou a minha irmã. Quero olhá-lo nos olhos. É essa a minha terapia, detective Brady.

— Verei o que posso fazer. Agradeço o seu tempo e colaboração. E, uma vez mais, lamentamos a sua perda.

— Certifique-se de que ele paga. — Jamie abriu a porta e preparou-se para os gritos dos jornalistas e dos curiosos que se tinham aglomerado na rua.

— Manter-nos-emos em contacto — disse Frank.

Jamie fechou a porta e encostou-se a esta. Perdeu a noção de quanto tempo ali ficou, olhos fechados, cabeça baixa, mas endireitou-se de súbito quando sentiu uma mão no ombro.

— Jamie, precisas de descansar. — David abraçou-a. — Quero que tomes um comprimido e que te deites.

— Não, nada de comprimidos. Não quero a mente nem os sentimentos toldados. Mas repousou a cabeça no ombro dele e libertou alguma pressão do peito. — Os dois detectives acabaram de sair.

— Devias ter-me ligado.

— Eles queriam falar comigo e com a Livvy.

— A Livvy? — David afastou-a ligeiramente para olhar para ela. — Por amor de Deus, Jamie, não os deixaste interrogar aquela criança, pois não?

— Não foi assim, David. — O ressentimento queria vir à tona, mas ela estava demasiado cansada para isso. — O detective Brady foi muito delicado com ela, e eu estive presente o tempo todo. Eles precisavam de saber o que ela tinha visto. Ela é a única testemunha.

— Para o diabo com isso! Eles apanharam-no em flagrante. Ele estava lá, tinha a arma. E estava pedrado como tem estado metade do tempo no último ano.

Em resposta ao olhar de alerta de Jamie em direcção às escadas, ele susteve a respiração e a seguir expirou lentamente. *Calma*, lembrou a si mesmo. Tinham todos de manter a calma para conseguirem ultrapassar a situação. — Eles têm todas as provas de que precisam para o prenderem para o resto da vida — concluiu ele.

— Agora têm o depoimento da Livvy em como o viu e ouviu. — Levou uma mão à cabeça. — Não sei como isto funciona, não sei o que acontece em seguida. Não consigo pensar nisso.

— Desculpa. — Ele abraçou-a de novo. — Só não quero que tu, nem a Livvy, nem qualquer um de nós, sofra mais do que é preciso. Quero que me chames antes de os deixares falar com ela outra vez. Acho que precisamos de consultar um psicólogo infantil para garantir que não é algo que a prejudica.

— Talvez tenhas razão. Mas ela gosta do detective Brady. Percebe-se que se sente segura com ele. Eu transtornei a minha mãe. — Por um momento, encostou a cara ao pescoço de David. — Preciso de ir ter com ela.

— Está bem. Jamie... — Ele deslizou as mãos pelos braços dela e entrelaçou os dedos com os dela. — Vão liberar o corpo da Julie depois de amanhã. Podemos fazer o funeral no dia seguinte, se estiveres preparada. Já comecei a tratar das coisas.

— Oh, David. — Pateticamente grata, Jamie reprimiu um soluço. — Não precisavas de fazer isso. Eu ia fazer os telefonemas hoje mais tarde.

— Eu sei o que queres para ela. Deixa-me tratar disto por todos nós, Jamie. Eu também a amava. — Levou as mãos dela aos lábios e beijou-lhe os dedos.

— Eu sei.

— Eu tenho de fazer alguma coisa. Os detalhes são o meu forte. Eu... ah, tenho estado a trabalhar num comunicado à imprensa. Tem de haver um. — David deslizou novamente as mãos pelos braços dela num gesto de conforto. — É mais a tua área do que a minha, mas entendi que quanto mais simples, melhor. Dou-to a ler antes de confirmar. Mas quanto ao resto... deixa-me tratar de tudo.

— Não sei o que faria sem ti, David. Não sei o que faria.

— Nunca vais precisar de descobrir. — Ele beijou-a suavemente. — Vai ter com a tua mãe e promete-me que vais tentar descansar.

— Sim, vou.

Ele esperou que ela subisse e depois dirigiu-se à porta para observar através dos painéis de vidro as pessoas sufocando lá fora com o intenso calor do Verão.

E pensou em abutres sobre carne fresca.

3.

Ela não queria fazer uma sesta. Não tinha sono. Mas Olívia ia tentar, porque a tia Jamie lhe tinha pedido, e deitou-se na cama que não era sua.

Era um quarto bonito com pequenas violetas trepando pelas paredes e cortinas brancas com pequenas bolinhas brancas que tornavam tudo suave quando se olhava através delas. Ela dormia sempre naquele quarto quando ia lá a casa.

Mas não era a casa dela.

Ela tinha dito à avó que queria ir para casa, que a avó também podia ir. Podiam tomar um chá no jardim até a mamã voltar.

Mas os olhos da avó tinham ficado brilhantes e molhados e ela tinha abraçado Olívia com tanta força que quase tinha doído.

Por isso ela não tinha falado mais em voltar para casa.

Quando ouviu os murmúrios ao fundo do corredor, atrás da porta do quarto onde ficavam os avós, Olívia saltou da cama e saiu do quarto pé ante pé. Quando Olívia perguntara, a tia Jamie tinha dito que a avó e o avô também estavam a dormir a sesta. Mas se estavam acordados, talvez pudessem ir brincar com ela para o jardim. O avô e a avó adora-

vam ir para o jardim. Podiam ir jogar à bola, ou nadar, ou trepar a uma árvore.

O avô disse que em Washington havia árvores que eram tão altas que chegavam ao céu. Olívia tinha ido lá visitá-los quando era uma bebé muito pequenina e novamente quando fizera dois anos, por isso não se lembrava muito bem. Ela achava que o avô podia trazer-lhe uma árvore até ao céu para ela subir até ao topo e chamar pela mãe. A mãe conseguia ouvi-la se ela chegasse mais perto.

Quando abriu a porta, Olívia viu a avó a chorar, a tia sentada ao lado segurando-lhe nas mãos. Ver a avó chorar dava-lhe dores na barriga e quando viu a cara do avô, sentiu medo. Estava tão sério e os olhos dele estavam demasiado escuros e maus. Quando falava, a voz era baixa mas dura, como se estivesse a tentar partir as palavras em vez de as dizer. Olívia encolheu-se.

— Não importa o motivo que o levou a fazer aquilo. Ele é doido, doido de ciúmes e das drogas. O que interessa é que ele a matou, tirou-a de nós. E vai pagar por isso, todos os dias da sua vida miserável, vai pagar. Nunca será suficiente.

— Devíamos tê-la obrigado a voltar para casa. — Lágrimas continuavam a rolar pelas faces da avó. — Quando ela nos disse que ela e o Sam estavam com problemas, devíamos ter-lhe dito para pegar na Livvy e ir passar uns tempos connosco. Para se recompor.

— Nós não sabíamos que ele se tinha tornado violento, não sabíamos que ele ia fazer-lhe mal. — Os punhos do avô cerraram-se. — Se eu tivesse sabido, teria vindo até cá tratar pessoalmente do canalha.

— Não podemos voltar atrás, pai. — Jamie falava com uma voz cansada, pois parte da responsabilidade era sua. Ela sabia e nada dissera. Julie tinha-lhe pedido para não contar nada. — Se pudéssemos, sei que seria capaz de ver uma centena de coisas diferentes que podia ter feito para alterar o acontecido, para impedir. Mas não posso e agora temos de encarar isso. A imprensa...

— Que se lixe a imprensa.

Pela fresta da porta, Olívia esbugalhou os olhos. O avô não costumava dizer palavrões. Ela viu a tia acenar calmamente com a cabeça.

— Bem, pai, não tarda muito, eles é que vão tentar lixar-nos. É assim que funciona. Vão canonizar a Julie, ou torná-la uma prostituta. Ou ambas as coisas. Pela Livvy, precisamos de deter o maior controlo possível. Vai haver especulação e histórias sobre o casamento e a relação dela com o Sam; especulação acerca de outros homens. Particularmente o Lucas Manning.

— A Julie não era infiel. — A voz da avó ergueu-se subitamente.

— Eu sei, mãe. Mas é assim que as coisas funcionam.

— Ela está morta — disse terminantemente o avô. — A Julie está morta. Quão pior pode ficar?

Lentamente, Olívia afastou-se da porta. Ela sabia o que era a morte. As flores morriam quando ficavam todas castanhas e rígidas e era preciso deitá-las fora. Casei, o cão velhote da Tiffy, tinha morrido e eles tinham escavado um buraco no jardim e colocado lá dentro o cão e depois tapado com terra e relva.

Morrer queria dizer que não se podia regressar.

Olívia continuou a afastar-se da porta enquanto a respiração ficava cada vez mais espessa no seu peito, enquanto as imagens de sangue e vidro partido, de monstros e tesouras lhe passavam pela mente.

Depois os seus pulmões explodiram e, de coração a arder, ela começou a correr. E começou a gritar:

— A mamã não está morta! A mamã não está morta e num buraco no jardim! Ela vai voltar! Ela vai voltar depressa!

Olívia continuava a correr, para longe dos gritos do seu nome, escadas abaixo, corredor fora. Quando chegou à porta da frente, lutou com a maçaneta enquanto lágrimas lhe inundavam as faces. Ela precisava de sair. Tinha de encontrar uma árvore, uma árvore até ao céu, para poder trepá-la e chamar pela mãe.

Conseguiu abri-la e correu para o jardim. Havia montanhas de gente e ela não sabia para onde ir. Gritavam todos ao mesmo tempo, como uma onda de som gigantesca quebrando contra a sua cabeça, ferindo-lhe os ouvidos. Ela tapou-os, chorando, chamando pela mãe.

Uma dúzia de câmaras captava-a avidamente, absorvendo o momento, o sofrimento e o medo dela.

Alguém lhes gritou para a deixarem em paz, que ela não passava de uma criança. Mas os repórteres avançavam, apanhados no frenesi. O Sol reflectia em lentes e cegava-a. Ela via sombras e vultos, um borrão de rostos estranhos. Vozes gritavam perguntas, ordens:

Olha para aqui, Olívia! Para aqui.

O teu pai tentou fazer-te mal?

Ouviste-os brigar?

Olha para mim, Olívia. Olha para a câmara.

Ela estacou como um cervo sob uma mira, olhos confusos e assustados. Então alguém a agarrou por trás e ela sentiu o cheiro e a figura da tia.

— Quero a mamã, quero a mamã — sussurrava ela enquanto a tia Jamie a abraçava com força.

— Ela é apenas uma criança. — Incapaz de se conter, Jamie levantou a voz: — Malditos! Deus amaldiçoe cada um de vocês! Ela é só uma criança!

Jamie virou costas, começou a dirigir-se a casa e sacudiu ferozmente a cabeça antes que o marido ou os pais pudessem sair. — Não, fiquem aí! Não lhes dêem mais nada. Não lhes dêem mais nada!

— Eu levo-a lá para cima. — Os olhos da avó já estavam secos. Secos, frios e calmos. — Tens razão, Jamie. Temos de lidar com eles agora. — Encostou os lábios ao cabelo de Olívia e começou a subir as escadas. Para ela, Olívia era o agora.

* * *

Desta vez Olívia adormeceu profundamente, exausta do terror e da tristeza, enquanto a avó a vigiava. Essa era agora a sua missão, pensou Val.

Num ambiente menos tranquilo, Frank Brady pensava na criança que vira naquela manhã. A cara da menina não lhe saía da cabeça, aqueles grandes olhos castanhos fitando os seus com confiança, enquanto cumpria o seu dever.

Sam Tanner era o agora de Frank.

Apesar das horas que passara já na prisão e do facto de o seu sistema estar aos saltos com a falta de droga, a aparência de Sam tinha sofrido pouco. Parecia que se tinha preparado para o papel do amante aflito, chocado, inocente e sofredor, mas ainda suficientemente bonito para a parte feminina do público desejar salvá-lo.

O seu cabelo era escuro, espesso e desalinhado. Os olhos, um brilhante azul-viking, tinham olheiras. O seu caso com a cocaína tinha-o feito perder algum peso, mas isso só acrescentava um aspecto romântico e encoado ao seu rosto.

Os lábios tendiam a tremer. As mãos nunca estavam quietas.

Tinham-lhe tirado a roupa e dado uma camisola e umas calças cinzentas que lhe ficavam largas. Tinham-lhe ficado com o cinto e os atacadores dos sapatos. Ele estava sob vigilância, mas tinha apenas começado a reparar na falta de privacidade. O âmbito geral da sua situação estava ainda enterrado debaixo do nevoeiro de choque e carência da sua droga de eleição.

A sala de interrogatório tinha paredes lisas de cor creme e uma de espelho sem estanho a toda a largura. Havia uma única mesa e três cadeiras. A dele tinha tendência para oscilar se ele tentasse recostar-se. Um bebedouro ao canto provia copos triangulares minúsculos de água tépida e o ar era abafado.

Frank estava sentado à frente dele e não dizia nada. Tracy estava encostado à parede a examinar as unhas das mãos. O silêncio e a sala sobreaquecida faziam suor escorrer pelas costas de Sam.

— Não me lembro de mais do que aquilo que disse antes. — Incapaz de suportar o silêncio, Sam deixou as palavras saírem. Tinha estado tão certo de que o deixariam sair depois de o interrogarem a primeira vez. Que o deixariam sair para que ele pudesse descobrir o que tinham feito com Julie, com Olívia.

Oh, Deus! Julie. Sempre que pensava nela, via sangue, oceanos de sangue.

Frank acenou simplesmente com a cabeça, os seus olhos pacientes. — Porque não me diz o que me disse antes? Do princípio.

— Mas eu já disse. Fui a casa...

— Já não estava a viver lá, pois não, Sr. Tanner? — A pergunta vinha de Tracy e num tom ligeiramente agressivo.

— Ainda é a minha casa. A separação era apenas temporária, só até conseguirmos resolver alguns problemas.

— Certo. — Tracy continuava a estudar as unhas. — Foi por isso que a sua mulher deu entrada com os papéis e conseguiu a custódia da criança, por isso é que o senhor tinha as visitas limitadas e comprou aquele palácio na praia.

— Eram apenas formalidades. — A cor esvaiu-se do rosto de Sam. Ele estava desesperado por uma dose, uma dose rápida para lhe clarear as ideias e facilitar a concentração. Porque seria que as pessoas não compreendiam o quão difícil era pensar? — E eu comprei a casa de Malibu como investimento.

Quando Tracy bufou, Frank levantou uma mão. Os dois eram parceiros há seis anos e tinham um ritmo certo como dois amantes. — Dá ao sujeito uma hipótese de contar a história, Tracy. Estás sempre a interromper, vais acabar por desconcertá-lo. Estamos apenas a tentar obter todos os detalhes, Sr. Tanner.

— Ok, ok. Fui a casa. — Esfregou as mãos nas coxas, odiando a textura áspera das calças largas. Estava habituado a bons tecidos e a um corte perfeito. Por Deus, ele merecera o melhor, pensou enquanto continuava a beliscar as pernas das calças.

— Porque é que foi a casa?

— O quê? — Sam pestanejou e abanou a cabeça. — Porquê? Queria falar com a Julie. Precisava de a ver. Nós precisávamos de acertar as coisas.

— Estava pedrado, Sr. Tanner? — perguntou Frank suavemente, quase de amigo para amigo. — Seria melhor se fosse sincero acerca desse tipo de coisa. O uso recreativo... — Ergueu e baixou os ombros. — Não vamos chateá-lo por isso, precisamos apenas de saber qual era o seu estado de espírito.

Ele tinha negado anteriormente, negado de imediato. Era o tipo de coisa que podia arruinar a imagem. As pessoas que faziam parte do negócio, bem, entendiam como as coisas eram. Mas a cocaína não tinha muito sucesso na bilheteira.

Mas um pouco de coca entre amigos! Bem, não era nada de especial. Nada de especial, como ele não parava de dizer à Julie quando ela o chateava. Se ao menos ela...

Julie, pensou ele de novo, e pressionou os dedos contra os olhos. Estaria mesmo morta?

— Sr. Tanner?

— O quê? — Os olhos que faziam suspirar as mulheres por todo o mundo pestanejavam. Estavam raiados de sangue, magoados e inexpressivos.

— Estava sob o efeito de drogas quando foi visitar a sua mulher? — Antes que ele pudesse negar novamente, Frank chegou-se à frente. — Antes de responder, vou dizer-lhe que revistámos o seu carro e encontrámos uma porção escondida. Nós não vamos acusá-lo de posse. Desde que o senhor seja sincero.

— Não sei do que é que estão a falar. — Roçou as costas da mão pela boca. — Qualquer um podia ter posto isso lá. Até você.

— Está a dizer que nós forjámos provas? — Tracy deslocou-se rapidamente, como um raio. Agarrou Sam pelo colarinho e levantou-o da cadeira. — É isso que está a dizer?

— Calma, tem calma. — Frank levantou ambas as mãos. — O Sr. Tanner está apenas confuso. Está transtornado. O senhor não estava a dizer que nós colocámos drogas no seu carro, pois não?

— Não, eu...

— Porque isso seria uma coisa muito grave, Sr. Tanner. Uma acusação muito séria. Não ia abonar a seu favor, especialmente a partir do momento em que temos uma série de pessoas dispostas a testemunhar que gosta de dar uma snifadela de vez em quando. Apenas uma coisa social — continuou Frank enquanto Tracy bufava de desdém e voltava a encostar-se à parede. — Não precisamos de dar grande importância ao facto. A não ser que você dê. A não ser que tente dizer que colocámos aquela coca, quando sabemos que era sua. Quando eu consigo olhar neste momento para si e ver que lhe fazia falta um bocadinho para acalmar o nervosismo.

Com uma expressão séria no rosto, Frank chegou-se à frente. — Você está metido num grande sarilho, Sam. Um grande sarilho. Eu admiro o seu trabalho, sou um grande fã. Gostava de poder facilitar-lhe a vida, mas você não está a ajudar-me nem a si mesmo ao mentir acerca da droga. Só está a piorar a situação.

Sam mexia na aliança de casamento, rodando-a continuamente no dedo. — Olhe, talvez eu tenha tomado algumas doses, mas estava controlado. Estava controlado. — Ele desejava desesperadamente acreditar nisso. — Não sou viciado nem nada do estilo, só tomei umas doses para clarear as ideias antes de ir para casa.

— Para conversar com a sua mulher — disse Frank. — Para acertar as coisas.

— Sim, isso mesmo. Eu precisava de a fazer entender que devíamos reatar, livrarmo-nos dos advogados e resolver as coisas. Sentia a falta dela e da Livvy. Queria a nossa vida de volta. Só queria a nossa vida de volta, raios!

— Não o censuro por isso. Bela mulher e filha. Um homem seria louco em desistir assim facilmente. Você queria resolver os vossos problemas, por isso foi até lá e falou com ela.

— Isso mesmo, eu... não, entrei e encontrei-a. Encontrei-a. Oh, meu Deus! — Sam fechou então os olhos e tapou a cara. — Oh, céus, Julie! Havia sangue por todo o lado, vidro partido, o candeeiro que eu lhe ofereci pelo aniversário. Ela estava deitada no meio do sangue e do vidro. Tentei pegar nela. A tesoura estava espetada nas costas. Eu arranquei-a.

Não fora? Ele achava que a tinha arrancado, mas não conseguia lembrar-se ao certo. A tesoura estava na sua mão, quente e escorregadia com o sangue.

— Eu vi a Livvy ali parada. Ela começou a fugir.

— Você foi atrás dela — disse Frank em voz baixa.

— Eu acho... devo ter ido. Acho que fiquei um bocado desnortado. A tentar encontrá-la, a tentar encontrar quem tinha feito aquilo à Julie. Não me lembro. Chamei a polícia. — Olhou para Frank. — Chamei a polícia assim que consegui.

— Quanto tempo? — Tracy desencostou-se da parede e espetou a cara em frente à de Sam. — Quanto tempo andou pela casa à procura daquela menina, de tesoura na mão, antes de ter chamado a polícia?

— Não sei. Não tenho a certeza. Alguns minutos, talvez. Dez, quinze.

— Sacana mentiroso!

— Tracy...

— Ele é um mentiroso, Frank. Ele teria encontrado a miúda e ela estaria agora ao lado da mãe na morgue.

— Não. Não! — disse Sam com horror na voz. — Eu nunca faria mal à Livvy.

— Mas não era isso que a sua mulher achava, pois não, Sr. Tanner? — Tracy espetou um dedo no peito de Sam. — Ela deixou escrito que tinha medo que você ficasse a sós com a criança. Você é um drogado e um patético filho da mãe, e eu vou dizer-lhe como tudo se passou. Você pensava

nela naquela casa enorme, interditando-lhe a entrada, mantendo-o afastado dela e da vossa filha porque ela não podia nem vê-lo. Provavelmente achou que ela andava a abrir as pernas para outro. Uma mulher assim tem de ter outros interessados. E resolveu encharcar-se em coca e ir até lá para lhe mostrar quem mandava.

— Não, eu ia só falar com ela.

— Mas ela não queria falar consigo, pois não, Tanner? Ela disse-lhe para sair, não foi? Disse-lhe para ir para o inferno. Talvez você primeiro lhe tenha dado uns safanões, como da outra vez.

— Isso foi um acidente. Eu não queria magoá-la. Estávamos a discutir.

— Por isso resolveu pegar na tesoura.

— Não. — Sam tentava recordar-se, tentava clarear as imagens na sua cabeça. — Estávamos no quarto da Livvy. A Julie não tinha tesouras no quarto da Livvy.

— Você estava no piso inferior e viu-a em cima da mesa, ali, brilhante e afiada. Agarrou nela e esfanicou a sua mulher porque ela não queria mais nada consigo. Se ela não podia ser sua, então não seria de ninguém. Foi esse o seu pensamento, não foi, Tanner? A cabra merecia morrer.

— Não, não, não! Eu nunca teria feito uma coisa dessas. Não posso ter sido eu. — Mas ele lembrava-se do toque da tesoura nas mãos, da forma como os seus dedos se tinham fechado em torno dela, o modo como o sangue tinha escorrido pela lâmina. — Eu amava-a. Eu amava-a.

— Você não tencionava fazer aquilo, pois não, Sam? — Frank pegou na deixa, recostando-se na cadeira, voz suave, olhos nivelados. — Eu sei como é. Às vezes amamos tanto uma mulher que enlouquecemos. Quando elas não nos dão ouvidos, não dão importância ao que dizemos, não compreendem as nossas necessidades, temos de encontrar forma de as obrigar. Foi só isso, não foi? Você estava a tentar encontrar uma forma de a obrigar a ouvir e ela não queria. Você descontrolou-se. As drogas tiveram aí um papel importante. Você não conseguiu controlar-se. Vocês discutiram e a tesoura estava mesmo a jeito. Talvez tenha sido ela a atacá-lo. Depois aconteceu de repente, sem que você conseguisse impedir. Como da outra vez em que não tencionava magoá-la. Foi uma espécie de acidente.

— Não sei. — Os olhos começavam a encher-se de lágrimas. — Eu tinha a tesoura, mas isso foi depois. Teve de ser depois. Eu arranquei-a do corpo dela.

— A Livvy viu-o.

A cara de Sam ficou branca e ele fitou Frank. — O quê?

— Ela viu-o. Ela ouviu-o, Sam. Foi por isso que foi lá abaixo. A sua filha de quatro anos é uma testemunha. A arma do crime tem as suas im-

pressões digitais. Há pegadas ensanguentadas suas espalhadas por toda a casa. Na sala de estar, no corredor, nas escadas. Há impressões digitais ensanguentadas no umbral da porta do quarto da sua filha. E são suas. Não estava lá mais ninguém, Sam, nenhum ladrão, como você tentou convencer-nos ontem. Nenhum intruso. Não havia sinal de entrada forçada, nada foi roubado, a sua mulher não foi violada. Havia três pessoas naquela casa naquela noite. A Julie, a Livvy e você.

— Tinha de haver mais alguém.

— Não, Sam. Mais ninguém.

— Meu Deus, meu Deus, meu Deus. — Tremendo, Sam pousou a cabeça na mesa e chorou convulsivamente como uma criança.

Quando acabou de chorar, confessou.

* * *

Frank leu pela terceira vez o depoimento assinado, levantou-se, deambulou pela pequena sala de pausa e resolveu contentar-se com as borras que estavam no fundo da cafeteira. Com a chávena meio cheia de algo que até os desesperados chamariam de lodo, sentou-se à mesa e leu de novo a confissão.

Quando o parceiro entrou, Frank falou sem erguer os olhos: — Esta coisa tem buracos, Tracy. Tem buracos por cima dos quais podíamos passar com aquele velho Caddy que tanto amamos sem sequer arranhar a pintura.

— Eu sei. — Repugnado, Tracy pôs mais café a fazer e depois dirigiu-se ao frigorífico arranhado para roubar a pêra agradavelmente madura de alguém. Deu uma dentada, emitiu um som de satisfação e depois sentou-se. — Mas o tipo está exausto, Frank. A ressacar, agitado. E estava pedrado naquela noite. Nunca iria recordá-la passo a passo.

Limpou o sumo de pêra que lhe escorria pelo queixo. — Nós sabemos que foi ele. Temos a prova física, o motivo e a oportunidade. Conseguimos colocá-lo no local do crime. Raios, temos até uma testemunha! Agora conseguimos uma confissão. Fizemos o nosso trabalho, Frank.

— Sim, mas há qualquer coisa que não encaixa. Por exemplo, aqui onde ele diz que quebrou a caixa de música, a caixa de música da Disney da miúda. Não havia nenhuma caixa de música. Ele está a confundir as duas noites, a fundi-las numa só.

— Ele é um drogado — disse Tracy com impaciência. — Essa história de ele ter chegado depois de um assalto não pega. Ela deixou-o entrar. A irmã dela confirmou que era algo que ela provavelmente faria. Este tipo não é nenhum Richard Kimble, pá. Ele pegou na tesoura e espetou-a nas costas dela. Ela caiu de imediato, já que não existem ferimentos de defesa, e

ele continuou a atacá-la quando ela tentou escapar rastejando. Nós vimos o rasto de sangue e o relatório do médico-legista. Sabemos como as coisas se passaram. Mete-me nojo.

Atirou o caroço da pêra para o lixo e arrastou-se na cadeira para alcançar o café acabado de fazer.

— Há sete anos que trabalho com cadáveres — murmurou Frank. — Este é um dos piores que já vi. Um tipo que faz aquilo a uma mulher tem sentimentos fortes em relação a ela. — Frank suspirou e esfregou os olhos cansados. — Eu gostava de ter um depoimento mais limpo, só isso. Um advogado bem pago ainda vai dançar por estes buracos antes de isto terminar.

Com uma sacudidela de cabeça, levantou-se. — Vou para casa, ver se ainda me lembro do aspecto da minha mulher e do meu filho.

— Com advogado ou sem advogado, — disse Tracy quando Frank começou a sair pela porta, — o Sam Tanner vai pagar por isto e vai passar o resto da vida numa cela.

— Pois vai. E aquela menina vai ter de viver com isso. É isso que me mete nojo, Tracy. É isso que me dá a volta ao estômago.

Frank pensou nisso no caminho até casa, no meio do trânsito infernal da auto-estrada, quando passava pela rua sossegada onde as casas, todas pequenas e arrumadas como a sua, se encontravam coladinhas umas às outras com relvados agonizantes devido à falta de chuva.

O rosto de Olívia estava alojado na sua mente; as bochechas redondas, os olhos feridos e demasiado adultos sob sobrancelhas impressionantemente escuras. E o sussurro das primeiras palavras que ela lhe dissera:

O monstro está cá.

Frank estacionou finalmente no curto caminho de acesso à sua pequena casa estucada, e estava tudo tão abençoadamente normal. Noah tinha deixado a bicicleta caída de lado no jardim e as impaciens da mulher estavam a murchar porque ela se tinha esquecido de as regar outra vez. Só Deus sabia porque é que ela as plantava. Matava-as com a regularidade de um psicopata de jardim. O antigo VW Carocha dela já estava estacionado, coberto de autocolantes e decalques das suas variadas causas. Célia Brady colecionava causas como algumas mulheres colecionavam receitas.

Frank reparou que o VW estava de novo a perder óleo, praguejou sem grande convicção e saiu do seu carro.

A porta da frente escancarou-se de repente e depois bateu como um único tiro. O filho saiu a correr, uma bala compacta com cabelo castanho desgrenhado, joelhos esfolados e ténis cheios de buracos.

— Eh, pai! Acabámos de regressar da manifestação contra a caça à baleia. A mãe tem discos com cantos de baleia. Parecem invasores extra-terrestres.

Frank estremeceu, sabendo que ia ter de ouvir cânticos de baleia durante os dias seguintes. — E não devemos ter jantar, não é?

— Passámos pelo *Coronel* de caminho para casa. Eu convenci-a. Com aquela comida saudável que temos comido ultimamente, um tipo pode morrer de fome.

Frank parou e pôs uma mão no ombro do filho. — Queres dizer que temos frango frito em casa? Não brinques comigo, Noah.

Noah riu-se, os seus olhos verdes-escuros dançando. — Um balde inteiro. Menos o bocado que eu roubei no caminho. A mãe disse que podia ser porque tu ias precisar de comida confortante.

— Pois. — Era bom ter uma mulher que o amava o suficiente para saber. Frank sentou-se no degrau da frente, alargou a gravata e abraçou Noah pelos ombros quando o menino se sentou ao lado. — Acho que preciso.

— A televisão esteve a passar notícias sobre aquela actriz, Julie MacBride. Nós vimos-te e ao Tracy a entrar naquela casa grande, e mostraram também imagens da outra casa, aquela maior onde ela foi morta. E, agora mesmo, mesmo antes de tu chegares, mostraram uma menina pequenina, a filha. Ela vinha a correr da casa. Parecia muito assustada.

Noah não tinha conseguido desviar os olhos da imagem, mesmo quando aqueles enormes olhos apavorados pareciam estar a fitar os seus e a suplicar-lhe ajuda.

— Bolas, pai, eles filmaram a cara dela, e ela estava a chorar e a gritar e a tapar os ouvidos com as mãos, até alguém a ter ido buscar.

— Oh, céus — Frank apoiou os cotovelos nos joelhos e enfiou a cara nas mãos. — Pobrezinha.

— O que vão fazer com ela, se a mãe está morta e o pai vai para a cadeia?

Frank bufou. Noah queria sempre saber os como e os porquês. Eles não o censuravam; era essa a posição de Célia, e Frank tinha acabado por se convencer de que ela tinha razão. O filho deles era inteligente, curioso e sabia distinguir o certo do errado. Era filho de um polícia e tinha de aprender que havia pessoas más que nem sempre pagavam pelo que faziam.

— Não tenho a certeza. Ela tem família que a ama. Eles farão o melhor que puderem.

— Na televisão disseram que ela estava em casa quando tudo aconteceu. Estava?

— Sim.

— Uau. — Noah coçou uma carepa que tinha no joelho e franziu o sobrolho. — Ela parecia mesmo assustada — murmurou. Noah sabia realmente que existiam pessoas más que nem sempre pagavam. E que o facto

de se ser criança não significava que se estivesse livre delas. Mas não conseguia entender como seria ter-se medo do próprio pai.

— Ela vai ficar bem.

— Porque é que ele fez aquilo, pai? — Noah olhou para a cara do pai. Era lá que encontrava quase sempre as respostas.

— Talvez nunca venhamos a saber. Alguns dirão que ele a amava demasiado, outros que ele era doido. Que foi por causa da droga, por ciúme ou por raiva. O único que saberá sempre a verdade é Sam Tanner. Mas não tenho a certeza se ele próprio saberá o motivo.

Frank apertou rapidamente os ombros do filho. — Vamos comer frango e ouvir as baleias a cantar.

— E puré de batata.

— Filho, ainda és capaz de ver um homem a chorar.

Noah riu-se de novo e entrou em casa com o pai. Mas também ele amava o suficiente para entender. E ele tinha a certeza de que naquela noite ia ouvir o pai a andar de um lado para o outro, como acontecia quando o seu trabalho o perturbava mais.

4.

Confessar pode ser bom para a alma, mas no caso de Sam Tanner foi também bom para o acordar para a realidade. Menos de uma hora depois de ter escrito o depoimento choroso admitindo o assassinato brutal da mulher, exercia os seus direitos civis.

Chamou o advogado que tinha acusado de só ter complicado os seus problemas matrimoniais e exigiu representação. Estava em pânico e doente e naquela altura já tinha esquecido metade do que tinha confessado.

Por isso foi um advogado especializado em Direito Interno quem primeiro afirmou que a confissão tinha sido dada sob pressão, ordenou o cliente a seguir o direito de permanecer calado e chamou as tropas.

Charles Brighton Smith iria dirigir a equipa de defesa. Era uma raposa de sessenta e um anos de idade com uma melena dramática de cabelo grisalho, olhos azuis astutos e um cérebro como um laser. O advogado aceitava com gosto casos importantes e nada lhe dava mais prazer do que uma tumultuosa batalha judicial com espectáculo mediático.

Antes de ter voado para Los Angeles, tinha já começado a reunir a sua equipa de investigadores, auxiliares, litigantes, peritos, psicólogos e seleccionadores de jurados. Tinha deixado escapar o número do voo e hora de chegada e estava preparado — e elegantemente arranjado — para o assalto da imprensa quando descesse do avião.

A sua voz era rica e bem timbrada, saindo através do diafragma como a de um cantor de ópera. A expressão era severa e cuidadosamente composta para mostrar preocupação, sabedoria e compaixão quando fez a primeira declaração.

— Sam Tanner é um homem inocente, uma vítima da sua tragédia. Ele perdeu de uma forma brutal a mulher que amava e agora esse terror foi aumentado pela polícia na sua pressa para encerrar o caso. Esperamos corrigir rapidamente esta injustiça para que Sam possa lidar com a sua dor e regressar a casa para junto da filha.

Charles não respondeu a perguntas e não fez mais comentários. Deixou que os guarda-costas abrissem caminho por entre a multidão e o conduzissem à limusina que estava à espera. Quando se instalou no interior, imaginou que os *mass media* estariam repletos de declarações gravadas à sua chegada.

E tinha razão.

Depois de assistir ao último boletim informativo da chegada de Smith a Los Angeles, Val MacBride desligou o televisor com um estalido. Para eles era tudo um jogo, pensou. Para a imprensa, para os advogados, para a polícia, para o público. Não passava de mais um espectáculo para fazer subir audiências, para vender jornais e revistas, para conseguirem aparecer nas capas ou nas notícias.

Estavam a usar a sua bebé, a sua pobre bebé assassinada.

Porém, não podia ser evitado. Julie tinha escolhido viver sob o olhar do público, e assim tinha morrido.

Agora os advogados iam usar isso. Essa percepção pública seria distorcida e explorada para fazer uma vítima do homem que a tinha matado. Ele seria um mártir. E Olívia era apenas mais uma ferramenta.

Mas isso Val podia evitar.

Saiu silenciosamente do quarto, parando apenas para espreitar Olívia. E viu Rob, esparramado no chão com a neta, a cabeça perto dela enquanto pintavam juntos.

A cena deu-lhe vontade de sorrir e de chorar ao mesmo tempo. O homem era sólido como uma rocha, pensou ela grata. Independentemente do quanto se encostassem nele, ele mantinha-se direito.

Val deixou-os e foi em busca de Jamie.

A casa tinha sido construída em T. No lado esquerdo ficava o escritório de Jamie. Quando ela chegara a Los Angeles oito anos antes para ser assistente pessoal da irmã, vivera e trabalhara no quarto vago do chalé de sonho de Julie nas colinas.

Val lembrava-se de se ter preocupado um pouco com ambas na altura, mas os telefonemas e cartas e visitas a casa tinham estado tão repletos

de diversão e entusiasmo que ela tinha tentado não desvanecer a luz com apoquentações e avisos. As duas tinham vivido nessa casa durante dois anos, até Julie ter conhecido e casado com Sam. E menos de seis meses depois, Jamie estava noiva de David. Um homem que geria bandas de rock, imagine-se, pensara ela na altura. Mas afinal ele revelara-se tão equilibrado como o seu próprio Rob.

Nessa altura ela considerara que as filhas estavam em segurança, felizes e casadas com homens bons. Como poderia ter-se enganado tanto?

Val afastou esse pensamento como inútil e bateu ao de leve na porta do escritório de Jamie antes de a abrir.

O cómodo tinha o sentido de estilo e de organização de Jamie. Normalmente os estores verticais teriam estado abertos para o Sol e para a vista da piscina e das flores. Mas os paparazzi e as suas lentes telescópicas tinham a casa sob cerco. Os estores estavam fechados e os candeeiros ligados embora fosse meio da tarde.

Somos como reféns, pensou Val no momento em que a filha lhe enviava um sorriso devastador e continuava a falar ao telefone da secretária.

Val sentou-se na simples cadeira de costas almofadadas em frente da secretária e aguardou.

Ela reparou que Jamie tinha um ar cansado e quase suspirou quando constatou quão pouca atenção tinha dedicado nos últimos dias à filha que lhe tinha restado.

Com o coração descompassado, Val fechou os olhos e respirou profundamente. Ela precisava de se concentrar na questão em mãos e não de se deixar enterrar no seu sofrimento.

— Desculpa, mãe. — Jamie desligou o telefone e passou as duas mãos pelo cabelo. — Há tanto para fazer.

— Eu não tenho sido uma grande ajuda.

— Tens, sim. Não sei como conseguiríamos sem ti e o pai. A Livvy... não consigo tratar disto e dar-lhe a atenção de que ela precisa neste momento. O pai assumiu uma grande parte do fardo.

Jamie levantou-se e dirigiu-se ao pequeno frigorífico para ir buscar uma garrafa de água. O seu organismo tinha começado a reagir às canecas de café que ela já bebera. No meio da sua testa havia uma constante dor de cabeça que nenhum medicamento parecia conseguir debelar.

— Mas ele tem o próprio trabalho — continuou ela enquanto servia dois copos. — Já tive pessoas a oferecerem-se para responder a algumas das chamadas e mensagens, mas...

— Isto é assunto de família — concluiu Val.

— Exacto. — Jamie entregou um copo à mãe e apoiou a anca na secretária. — As pessoas estão a deixar flores no portão da casa da Julie. Eu

precisava de tomar providências para que fossem levadas para hospitais. O Lucas Manning, abençoado, está a ajudar-me com isso. As cartas estão a começar a chegar, e embora o Lou, agente da Julie, vá ajudar-me a tratar disso, eu acho que daqui a uma ou duas semanas vamos estar submersos.

— Jamie...

— Já temos uma montanha de condolências de pessoas do negócio, pessoas que ela conhecia ou com que trabalhava. E as chamadas telefônicas...

— Jamie — disse Val com maior firmeza. — Temos de conversar sobre o que vai acontecer em seguida.

— Para mim, isto é o que se vai passar em seguida.

— Senta-te. — Quando o telefone tocou, Val abanou a cabeça. — Deixa tocar, Jamie, e senta-te.

— Está bem, está bem. — Cedendo, Jamie sentou-se e deixou a cabeça cair para trás.

— Vai haver um julgamento — começou Val, e Jamie endireitou-se de novo na cadeira.

— Não vale a pena pensar nisso agora.

— Tem de se pensar. O novo advogado do Sam já está na TV, pavoneando-se e posando para a câmara. Algumas pessoas já dizem convictamente que não pode ter sido ele. Ele é um herói, uma vítima, uma figura de tragédia. E mais irão afirmá-lo antes de isto terminar.

— Não devias ouvir isso.

— Pois não, e não tenciono voltar a fazê-lo. — Val exaltou-se. — Não tenciono correr qualquer risco de a Livvy escutar nada disso, de ser exposta a nada disso ou ser usada como no outro dia em que saiu de casa. Eu quero levá-la para casa, Jamie. Quero levá-la para Washington o mais depressa possível.

— Levá-la para casa? — Por um momento, Jamie ficou completamente baralhada. — Mas a casa dela é esta.

— Eu sei que a amas. Todos sabemos. — Val pôs o copo de lado e pegou na mão da filha. — Escuta-me, Jamie. Aquela menina não pode ficar aqui, fechada nesta casa como uma prisioneira. Ela nem sequer pode ir ao jardim. Não podemos arriscar que ela vá até à janela do quarto sem saber se algum fotógrafo irá tirar-lhe uma fotografia. Ela não pode viver assim. Nenhum de nós pode.

— Isto vai passar.

— Quando? Como? Talvez, talvez as coisas já pudessem ter acalmado um pouco, mas não agora que vai haver um julgamento. Ela não vai poder começar a pré-escola no Outono, nem brincar com os amigos sem guarda-costas, sem ter pessoas a olhar para ela, a fitá-la, a apontar, a sussur-

rar. E algumas nem se dão ao trabalho de sussurrar. Não quero que ela fique sujeita a isso. E acho que tu também não.

— Oh, mãe. — De novo feita em farrapos, Jamie levantou-se. — Eu quero educá-la. O David e eu conversámos sobre isso.

— E como podem fazer isso aqui, querida? Com todas as recordações, toda a publicidade, todos os riscos? Ela precisa de ser protegida, mas não trancada numa casa, por mais encantadora que seja, no meio de tudo isto. Tu e o David estão dispostos a desistir da vossa casa, do vosso trabalho, do vosso estilo de vida, para a levarem daqui, para lhe dedicarem o vosso tempo? O teu pai e eu podemos dar-lhe um lugar seguro. Podemos afastá-la da imprensa. — Val respirou fundo. — E eu tenciono procurar também um advogado, o mais rapidamente possível, para iniciar o processo de custódia. Não vou permitir que aquele homem chegue perto dela, nunca mais. É o que é certo para ela, Jamie. É o que a Julie queria para ela.

E eu? Jamie queria gritar. *E o que eu preciso, e o que eu quero?* Era ela quem acalmava os pesadelos de Livvy, quem a confortava e embalava durante as noites. — Falaste com o pai acerca disto? — A voz dela era agora sombria, o rosto estava virado.

— Discutimos o assunto hoje de manhã. Ele concorda comigo. Jamie, é o melhor. Tu e o David podiam vir, passar o tempo que quisessem. Ela também será sempre tua, Jamie, mas não aqui. Não aqui.

* * *

Frank afastou-se da secretária, surpreendido quando viu Jamie Melbourne. Ela tirou os óculos enquanto atravessava a sala da esquadra e começou a passá-los impacientemente de uma mão para a outra.

— Detective Brady, gostava de falar consigo, se possível.

— Claro. Vamos para a sala de pausa. — Frank experimentou um sorriso. — Mas não recomendo o café.

— Pois, eu também estou a tentar manter-me afastada dele por agora.

— Deseja falar com o detective Harmon?

— Não há necessidade de interromper o trabalho a ambos. — Jamie entrou na pequena sala apinhada. — Vim num impulso. Não foi fácil — acrescentou ela enquanto se dirigia à janela minúscula. Pelo menos era uma janela, pensou. Pelo menos podia olhar lá para fora. — Ainda lá estão repórteres. Já não são tantos, mas alguns acamparam à porta. Acho que atrolei aquele presunçoso do Canal Quatro.

— Nunca gostei dele.

Jamie pousou as mãos no parapeito e desatou a rir sem parar. O som das gargalhadas tinha-a descontrolado. Os ombros tremiam-lhe e o riso transformou-se em soluços. Ela agarrou-se ao parapeito, oscilando para a frente e para trás até Frank a conduzir suavemente a uma cadeira, lhe entregar uma caixa de lenços de papel e lhe segurar na mão.

Frank não disse nada, esperando apenas que ela parasse de chorar.

— Desculpe. Desculpe. — Freneticamente, Jamie retirava um lenço atrás do outro. — Não foi para isto que eu vim cá.

— Espero que não se ofenda, Sra. Melbourne, mas já é hora de ultrapassar isso. Quanto mais tempo se martirizar, pior vai ficar.

— A Julie é que era a emotiva. Sentia tudo com grande intensidade. — Jamie assoou-se. — E era uma daquelas mulheres que ficava linda a chorar. — Secou os olhos húmidos e inchados. — Podíamos odiá-la por isso. — Jamie recostou-se. — Fui ontem enterrar a minha irmã. Estou constantemente a tentar afastar o assunto da minha mente, agora que está encerrado, mas não consigo. — Jamie respirou fundo. — Os meus pais querem levar a Olívia para Washington. Tencionam requerer guarda total e levá-la daqui. — Jamie retirou mais um lenço e começou a dobrá-lo em quadrados precisos. — Porque estarei eu a contar-lhe isto? Eu ia dizer ao David, chorar no ombro dele, mas dei por mim a entrar na garagem e no carro. Acho que precisava de contar a alguém que não estivesse tão envolvido, mas que também não estivesse totalmente afastado. Você venceu.

— Sra. Melbourne...

— Porque não me trata por Jamie agora que eu já chorei no seu ombro? Sentir-me-ia muito mais confortável se o tratasse por Frank.

— Ok, Jamie. Você está a passar por um dos piores momentos que alguém pode passar, e as coisas estão a atingi-la de todos os lados. É difícil.

— Você acha que a minha mãe está certa em relação à Livvy.

— Não posso falar pela sua família. — Frank levantou-se e encheu um copo com água. — Enquanto pai, — continuou, oferecendo o copo de papel, — acho que ia querer o meu filho o mais longe possível desta confusão toda, pelo menos temporariamente.

— Pois, a minha cabeça sabe disso. — Mas o coração não sabia quanto mais seria capaz de suportar. — Ontem de manhã, antes do funeral, levei a Livvy até ao quintal das traseiras. Está cercado de árvores e pareceu-me suficientemente seguro. Queria tentar conversar com ela, tentar fazê-la compreender. Esta manhã havia uma foto de nós duas nos jornais. Eu nem sequer vi o fotógrafo. Não quero isto para ela. — Jamie inspirou profundamente. — Quero ver o Sam.

Frank sentou-se de novo. — Não faça isso.

— Vou ter de o ver em tribunal. Vou ter de o olhar de frente, dia após dia durante o julgamento. Preciso de o ver agora, antes que comece. Preciso de fazer isso antes de deixar a Livvy ir-se embora.

— Não sei se ele irá concordar. Os advogados estão a ser bastante restritivos.

— Ele vai receber-me. — Jamie levantou-se. — Não vai conseguir conter-se. O ego não o vai deixar.

* * *

Ele levou-a porque chegou à conclusão de que ela arranjará forma de fazer o que achava que tinha de fazer, com ou sem a sua ajuda.

Ela não disse nada enquanto tratavam com a segurança e o protocolo. Continuou sem nada dizer quando entraram na zona de visita com os seus longos balcões e divisórias de vidro. Frank conduziu-a a um banco. — Tenho de me afastar agora. Nesta altura não posso ter qualquer contacto com ele sem a presença do advogado. Fico aqui fora.

— Está bem. Obrigada.

Jamie preparara-se para não se sobressaltar com o som agreste do botão do intercomunicador. Uma porta abriu-se e Sam entrou.

Ela queria-o pálido, de aspecto doentio, cinzento e abatido. Como era possível que ele estivesse tão perfeito, tão descontraidamente atraente, pensou ela com os punhos cerrados sobre o colo. As luzes frias não desvalorizavam a sua aparência, nem a roupa desbotada da prisão. Se tinham algum efeito, era aumentar ainda mais a sua atracção.

Quando ele se sentou e a fitou com aqueles olhos azuis cheios de dor, ela só estava à espera de ouvir um realizador gritar: *Corta!*

Jamie fitou-o nos olhos e pegou no telefone. Ele espelhou o movimento do outro lado do vidro. Jamie ouviu-o pigarrear.

— Jamie, estou muito contente por teres vindo. Estou a dar em doido. A Julie. — Sam fechou os olhos. — Oh, meu Deus, a Julie!

— Mataste-a.

Ele abriu os olhos. Ela percebeu o choque e a mágoa que continham. Oh, ele era realmente bom, pensou ela.

— Não podes acreditar nisso. Credo, Jamie! Tu, melhor que ninguém, sabes o quanto nós nos amávamos. Eu nunca lhe faria mal. Nunca.

— Há mais de um ano que não lhe fazias outra coisa, com os teus ciúmes, as tuas acusações, as tuas drogas.

— Vou entrar em recuperação. Sei que tenho um problema, e se lhe tivesse dado ouvidos, se ao menos eu lhe tivesse dado ouvidos, teria estado lá naquela noite e ela ainda estaria viva.

— Tu estiveste lá naquela noite e é por isso que ela está morta.

— Não. Não. — Sam pressionou uma mão contra o vidro como se pudesse transpô-lo e tocar-lhe. — Eu encontrei-a. Tens de me ouvir, Jamie. . .

— Não, não tenho. — Jamie sentiu a calma tomar conta dela. — Não, Sam, não tenho. Mas tu tens de me ouvir a mim. Rogo todos os dias, todas as horas, todos os minutos para que tu sofras, para que pagues pelo que fizeste. Aquilo que te fizerem nunca será o suficiente, mas sonharei contigo enfiado numa cela para o resto da vida. Isso irá ajudar-me a ultrapassar.

— Não serei condenado. — Pânico e náusea invadiram-lhe a garganta. — A polícia não tem nada, só quer é protagonismo. E quando sair, vou levar a Livvy comigo e começar de novo.

— A Livvy está tão morta para ti como a Julie. Nunca mais lhe vais pôr a vista em cima.

— Não podes manter a minha filha longe de mim. — Uma raiva imensa com laivos de ódio saltou-lhe aos olhos. — Eu vou sair daqui e reaver o que é meu. Tu sempre tiveste ciúmes da Julie. Sempre soubeste que ela era a melhor. Querias o que ela tinha, mas não vais consegui-lo.

Jamie não disse nada. A voz dele era um ruído desagradável para os seus ouvidos. Ela não desviou nem por um momento os olhos da cara dele, nunca estremeceu com a violência dos insultos que ele lhe dirigiu.

E quando ele terminou, a respiração ofegante e os punhos cerrados, ela disse calmamente: — A tua vida agora é esta, Sam. Olha à tua volta. Paredes e barras. Se alguma vez te deixarem sair, se um dia te destrancarem a cela, sairás daqui já velho. Velho e quebrado e arruinado. Não passarás de uma falha num trecho de um filme que passa noite adentro. Nem sequer se lembrarão do teu nome. Ninguém saberá quem tu és.

Jamie sorriu então, pela primeira vez, com vontade. — Nem sequer a Olívia.

Desligou o telefone, ignorando-o quando ele bateu no vidro, observando friamente o guarda entrar para o controlar. Ele gritava, ela podia ver os lábios dele a mover-se, podia ver a raiva a preencher-lhe os traços enquanto o guarda o arrastava à força em direcção à porta.

Quando a porta se fechou, quando Jamie teve a certeza de que já tinha sido trancada, soltou um grande suspiro de alívio. E sentiu um princípio de paz.

* * *

Assim que ela chegou a casa, David correu até ao vestíbulo e abraçou-a com força. — Meu Deus, Jamie! Onde foste? Eu estava a morrer de preocupação!

— Desculpa. Tive de ir tratar de um assunto. — Jamie afastou-se um pouco e tocou-lhe na face. — Está tudo bem.

Ele observou-a atentamente por um instante e depois a sua expressão desanuviou. — Pois, estou a ver que sim. O que aconteceu?

— Tirei um peso dos ombros. — Jamie beijou-o e depois afastou-se. Eventualmente, iria contar-lhe o que tinha feito. Mas não naquele momento. — Preciso de falar com a Livvy.

— Ela está lá em cima. Jamie, o teu pai e eu estivemos a conversar. Eu sei que eles querem levá-la para longe disto.

Jamie contraiu os lábios. — Tu concordas com eles.

— Lamento, querida, mas sim, concordo. As coisas aqui ainda vão piorar e só Deus sabe durante quanto tempo. Eu acho que tu também devias ir.

— Sabes que não posso. Vão precisar de mim no julgamento, e mesmo que não precisassem, — continuou ela antes que ele pudesse falar, — eu ia querer ver ser feita justiça. Preciso de fazer isso, David. Tanto por mim como pela Julie. — Apertou-lhe distraidamente o braço. — Tenho de ir falar com a Livvy.

Jamie subiu lentamente as escadas. Cada passo que dava era doloroso, pensou. Na verdade, era impressionante a dor que o coração humano era capaz de suportar. Jamie abriu a porta do bonito quarto que decorara especificamente para as visitas da sobrinha.

E viu as cortinas corridas e as luzes acesas em pleno dia. Outro tipo de prisão, pensou ela ao entrar.

A mãe estava sentada no chão ao lado de Livvy, a brincar com um elaborado castelo de plástico e dezenas de bonequinhos pequenos. Val ergueu os olhos e fixou-os nos de Jamie, mantendo a mão no ombro de Livvy.

O gesto mostrou a Jamie o quão abalada estava a mãe, e por isso fez um sorriso ao aproximar-se delas.

— Bem, o que se passa aqui?

— O tio David comprou-me um castelo. — A voz de Olívia revelava puro prazer. — Tem um rei, uma rainha, uma princesa e um dragão e tudo!

— É lindo. — *Deus te abençoe, David*, pensou Jamie ao sentar-se no chão. — Esta é a rainha?

— Sim. Chama-se Magnificante. Não é, avó?

— Isso mesmo, querida. E aqui estão o Rei Sensato e a Princesa Encantadora.

Enquanto Olívia brincava, Jamie pousou uma mão sobre a da mãe. — Será que podias ir lá abaixo ver se há café fresco?

— Claro. — Compreendendo, Val virou a mão para cima e as palmas encontraram-se.

Quando já estavam a sós, Jamie perguntou: — Livvy, lembras-te da floresta? Da casa da avó no meio dos bosques, daquelas árvores grandes, dos riachos e das flores?

— Eu fui lá quando era bebé, mas não me lembro. A mamã disse-me que íamos lá outra vez e que ela me ia mostrar os lugares favoritos.

— Gostavas de ir para casa da avó?

— Visitá-la?

— Viver lá. Aposto que podias ficar com o quarto que era da tua mãe quando ela ainda era menina. É uma casa antiga e grande, mesmo no meio da floresta. Para onde olhamos, vemos árvores, e quando o vento sopra, elas suspiram, estremeçam e gemem.

— É magia?

— Sim, é uma espécie de magia. O céu é muito azul, e dentro da floresta a luz é verde e o chão macio.

— A mamã também vai?

Sim, pensou Jamie. Era impressionante a dor que o coração conseguia suportar e continuar bater. — Parte dela nunca saiu de lá, parte dela está sempre lá. Vais ver os lugares onde nós brincávamos quando éramos meninas. A avó e o avô vão cuidar muito bem de ti.

— É muito, muito longe?

— Não é assim tão longe. Eu vou visitar-te. — Jamie pôs Olívia no colo. — Vou sempre que puder. Vamos passear pelos bosques e atravessar os riachos até a avó nos chamar para irmos comer biscoitos e chocolate quente.

Olívia virou a cara para o ombro de Jamie. — E o monstro vai encontrar-me lá?

— Não. — Os braços de Jamie apertaram Olívia. — Lá vais estar sempre em segurança. Prometo.

Mas nem todas as promessas podem ser cumpridas.

5.

Floresta Tropical de Olímpia, 1987

No Verão do seu décimo segundo aniversário, Olívia era uma menina alta e desengonçada com um cabelo farto e revoltado da cor do mel. Uns olhos praticamente do mesmo tom eram encimados por umas marcantes sobrancelhas escuras. Olívia tinha desistido do sonho de ser uma princesa num castelo por outras ambições que tinham passado de exploradora a veterinária e daí a guarda-florestal, que era o seu presente objectivo.

A floresta, com os seus tons verdes e odores húmidos, era o seu mundo, um mundo que raramente abandonava. A maior parte das vezes estava sozinha, mas nunca se sentia só. O avô ensinara-lhe a seguir pistas, como perseguir um veado e um alce com uma máquina fotográfica. Como ficar quieta horas a fio a observar a viagem majestosa de um gamo ou a graciosidade de uma gazela e de um enho.

Tinha aprendido a identificar as árvores, as flores, o musgo e os cogumelos, embora nunca tivesse adquirido a destreza que a avó esperara a apanhá-los.

Passava dias tranquilos a pescar com a avó e tinha assim aprendido a ser paciente. Tinha assumido algumas das tarefas diárias da pousada e do parque de campismo que os MacBride dirigiam no Parque Nacional de Olímpia havia duas gerações e assim aprendeu o peso da responsabilidade.

Olívia estava autorizada a deambular pela mata, a passear pelos riachos, a trepar as encostas. Mas nunca, nunca sair dos limites da propriedade sozinha.

E assim aprendeu que a liberdade tinha limites.

Olívia saíra de Los Angeles oito anos antes e nunca mais regressara. As recordações que tinha da casa em Beverly Hills eram imagens vagas de tectos altos e madeira encerada, cores bonitas e uma piscina de água azul-clara rodeada de flores.

Durante os primeiros meses que vivera na casa grande na floresta, Olívia perguntara quando iriam voltar para onde ela vivia ou quando é que a mãe a iria buscar, e onde estava o pai. Mas sempre que fazia perguntas, a boca da avó contraía-se e os olhos adquiriam uma expressão sombria.

Assim, Olívia aprendeu a esperar.

Depois aprendeu a esquecer.

Cresceu e endureceu. A menina frágil que se escondia em armários tornou-se pouco mais que uma memória que a assombrava em sonhos. Viver o presente foi outra lição que ela aprendeu, e bem.

Com as tarefas do dia cumpridas, Olívia regressava descontraidamente a casa. A tarde era agora sua, uma recompensa tão satisfatória quanto o salário que a avó lhe depositava no banco na cidade duas vezes por mês. Olívia pensou em pescar, ou em escalar uma encosta para sonhar sobre o lago, mas sentia-se demasiado inquieta para actividades tão sedentárias. Apetecia-lhe nadar um pouco, ainda que estivessem no início da estação, mas uma das regras mais intransigentes da avó era não nadar sozinha.

Olívia quebrava-a de vez em quando e tinha sempre a preocupação de secar completamente o cabelo antes de ir para casa.

A avó preocupava-se, pensava ela agora. Preocupava-se demasiado e demasiadas vezes e praticamente com tudo. Se Olívia espirrava, ela corria para o telefone para ligar ao médico, a não ser que o avô a impedisse. Se Olívia se atrasava dez minutos, a avó saía para o alpendre a gritar por ela.

Certa vez quase chamara a equipa de Busca e Resgate porque Olívia tinha ficado no parque de campismo a brincar com outras crianças e se esquecera de ir para casa antes de anoitecer.

Olívia revirava os olhos só de pensar. Ela nunca se tinha perdido na floresta. Era a sua casa, e ela conhecia cada recanto tão bem quanto os quartos da própria casa. Ela sabia que o avô referira esse facto porque escutara os dois a discutirem mais de uma vez acerca disso. Sempre que tal acontecia, a avó ficava melhor durante uns dias, mas depois voltava tudo ao mesmo.

Olívia avançou por entre a vegetação verde e as sombras suaves da floresta até à clareira onde a casa MacBride se situava há várias gerações.

A mica na pedra antiga brilhava sob a luz do Sol. Quando chovia, as cores escondidas na rocha, os castanhos, os vermelhos e os verdes emergiam cintilantes. As janelas brilhavam, sempre prontas para deixar entrar a luz ou a escuridão confortante. A casa tinha três pisos, cada um empoleirado sobre o outro a um ângulo diferente, com terraços projectando-se de todos os lados para unir o conjunto. Flores, fetos e rododendros selvagens abraçavam a construção, estendendo-se depois até um jardim confuso que o avô acarinhava como a um filho adorado.

Enormes amores-perfeitos com pétalas púrpura e brancas adornavam os vasos de pedra, e uma cama enorme de impaciens, impertinentes e cor-de-rosa, dançavam ao longo da extremidade do terraço inferior.

Olívia passara horas muito agradáveis com o avô e as suas flores. Com as mãos na terra e a cabeça nas nuvens.

Entrou no caminho de acesso empedrado, intercalando passadas gigantes e pequenas para evitar todas as fendas. Subiu os degraus a correr e abriu a porta de casa.

Bastou-lhe entrar para perceber que a casa estava vazia. De qualquer forma, chamou pelos avós, como era hábito, enquanto percorria a sala de estar com os seus grandes sofás puídos e paredes amarelas.

Inspirou feliz ao sentir o cheiro a biscoitos acabados de fazer. E depois suspirou ligeiramente quando chegou à cozinha e descobriu que eram de aveia.

— Porque não podiam ser de chocolate? — resmungou ela, enfiando a mão no grande pote de vidro que os continha. — Era capaz de comer um milhão de bolachas de chocolate.

Contentou-se com as de aveia, comendo rápida e avidamente enquanto lia o bilhete preso no frigorífico.

Livvy. Tive de ir num instante à cidade, ao mercado. A tua tia Jamie e o tio David vêm visitar-nos. Chegam esta noite.

— Boa! — Olívia deu um pulo e espalhou migalhas. — Presentes!

Para comemorar, pegou numa terceira bolacha e depois resmungou baixinho «bolas!» quando leu o resto da mensagem.

Fica em casa, querida, para me ajudares com as compras quando eu voltar. Podes arrumar o teu quarto — se o conseguires encontrar. Pára de comer bolachas. Beijinhos, Avó.

— Credo! — Verdadeiramente arrependida, Olívia voltou a colocar a tampa no pote.

Agora estava presa em casa. A avó podia demorar *horas* a fazer as compras. O que é que ela ia fazer o resto do dia? Contrariada, subiu as escadas das traseiras. O quarto não estava assim tão mau. Tinha apenas as suas coisas. Porque é que era tão importante arrumá-las quando a seguir ela ia ter de as desarrumar de novo?

Os seus variados projectos e interesses estavam espalhados por toda a parte. A colecção de pedras, os desenhos da vida selvagem e de plantas com os nomes científicos cuidadosamente descritos por baixo. O *kit* de química por que tanto ansiara no Natal anterior estava largado numa prateleira e ignorado, exceptuando o microscópio que ocupava uma posição de destaque na escrivaninha.

Havia uma caixa de sapatos atafalhada com o que ela considerava serem espécimes: rebentos, insectos mortos, pedaços de fetos, cabelo, raspagens de tabaco e pedaços de casca de árvore.

A roupa que vestira no dia anterior estava amontoada no chão. Exactamente onde ela a despira. A cama estava desfeita numa confusão de cobertas e lençóis — exactamente como a deixara quando se levantara de manhãzinha.

Tudo parecia bastante bem a Olívia. Mas ela avançou até à cama, puxou as cobertas e ajeitou as almofadas. Pontapeou sapatos para debaixo da cama e atirou roupa para dentro do cesto ou do armário. Soprou pó e pedacinhos de borracha do tampo da escrivaninha, enfiou tocos de lápis no pote de vidro, meteu papéis na gaveta e considerou que estava um trabalho bem feito.

Considerou enroscar-se no banco junto à janela para sonhar e amuar um pouco. As árvores balançavam ao sabor da brisa. O céu adquirira o aspecto frágil e ferido que antecede uma tempestade. Ela podia ficar a vê-la desenrolar-se, ver se conseguia vislumbrar a linha de chuva antes que esta começasse a cair.

Melhor, muito melhor, seria sair, sentir o cheiro, erguer o rosto e sugar o aroma a chuva e pinha. Um cheiro único, segundo Olívia. Melhor ser absorvido em solidão.

Ela quase fez isso, estando já a dirigir-se às altas portas de vidro que conduziam ao terraço do seu quarto. Mas todas as caixas, jogos e puzzles desarrumados nas prateleiras pesaram-lhe na consciência. A avó andava há semanas a pedir-lhe que as arrumasse. Agora, com a vinda da tia Jamie — que traria certamente presentes —, adivinhava-se um sermão sobre como cuidar e estimar aquilo que se tem.

Soltando um enorme suspiro sofredor, Olívia pegou em jogos de tabuleiro e puzzles velhos e negligenciados e fez uma pilha instável. Iria levá-los para o sótão e assim o quarto ficaria praticamente perfeito.

Subiu cuidadosamente as escadas e abriu a porta. Acendeu a luz e olhou em volta em busca do melhor lugar para guardar as suas coisas no enorme espaço com aroma a cedro. Candeeiros antigos, ainda não totalmente prontos para serem despachados para a caridade, estavam despidos de lâmpadas e abat-jours num canto onde o tecto era mais baixo. Uma cadeira de baloiço para crianças e mobiliário de bebé que parecia antigo a Olívia estavam perfeitamente arrumados contra uma parede ao pé de caixas de arrumação e baús. Quadros que outrora tinham embelezado as paredes da casa ou da pousada estavam cobertos por lençóis. Uma estante de madeira que o avô fizera na sua carpintaria continha uma família de bonecas e animais empalhados.

Olívia sabia que Val MacBride também não gostava de deitar coisas fora. Os bens acabavam por ser transferidos para o sótão ou para a pousada, ou simplesmente reciclados dentro de casa.

Olívia levou as suas caixas até à estante dos bonecos e empilhou-as no chão ao lado. Mais por tédio do que por interesse, espreitou para algumas das gavetas e examinou com cuidado roupas de bebé cuidadosamente envoltas em tecido e salpicadas com pedacinhos de madeira de cedro para cheirarem bem. Numa outra estava um cobertor cor-de-rosa e branco debruado a cetim. Olívia tocou-lhe e sentiu uma vaga sensação de familiaridade. Mas começou a sentir um nó no estômago e voltou a fechar a gaveta.

Tecnicamente, não era suposto ir ao sótão sem permissão, e nunca a deixavam abrir gavetas nem baús nem caixas. A avó dizia que as recordações eram preciosas e que, quando ela fosse mais velha, as poderia ver. Era sempre quando fosse mais velha, pensou Olívia. Nunca era agora.

Ela não percebia qual era o problema. Não passava de tralha velha e ela já não era uma criança. Não era como se fosse partir ou perder alguma coisa.

De qualquer modo, ela não dava muita importância ao assunto.

A chuva começou a bater no telhado, como dedos tamborilando levemente numa mesa. Olívia olhou para a pequena janela que dava para a frente da clareira. E viu o baú.

Era um baú em cerejeira com uma tampa abaulada e dobradiças em latão polido. Estava sempre bem debaixo do telhado e sempre trancado. Ela reparava nessas coisas. O avô dizia que ela tinha olhos de felino, o que a fazia rir quando era mais nova. Agora era algo de que se orgulhava.

Naquele dia o baú não estava encostado à parede debaixo do telhado, e também não estava trancado. *A avó deve ter guardado alguma coisa*, pensou Olívia enquanto se aproximava como se não estivesse particularmente interessada.

Ela conhecia a história da caixa de Pandora e de como a mulher curiosa a tinha aberto e libertado todos os males do mundo. Mas não se tratava da mesma coisa, disse para si mesma ao ajoelhar-se em frente do baú. E como não estava trancado, que mal fazia abri-lo e dar uma espreitadela?

Provavelmente estava cheio de tralha sentimental, ou de velhas roupas cheias de humidade, ou de fotos amareladas.

Mas Olívia sentiu um formigueiro nos dedos — de alerta e antecipação — quando levantou a pesada tampa.

O cheiro foi a primeira coisa que a atingiu, acelerando-lhe a respiração.

Cedro, do revestimento. Alfazema. O avô tinha um pé plantado ao lado da casa. Mas debaixo destes, algo mais. Algo simultaneamente estranho e familiar. Embora não conseguisse identificá-lo, o odor fez-lhe o coração bater descompassado e com força contra o peito.

O formigueiro nos dedos intensificou-se, fazendo-os tremer quando os introduziu no baú. Havia cassetes de vídeo, etiquetadas apenas com datas e armazenadas em caixas de plástico pretas. Três álbuns de fotografias espessos, caixas de tamanhos variados. Olívia abriu uma muito semelhante à que os avós usavam para guardar as bolas de Natal antiquadas.

No interior, envoltas em espuma protectora, estavam meia dúzia de garrafas decorativas.

— As garrafas mágicas — sussurrou. Parecia que o sótão se enchera subitamente de lindas gargalhadas, imagens titubeantes, aromas exóticos.

No teu décimo sexto aniversário, podes escolher aquela de que mais gostares. Mas não podes brincar com elas, Livvy. Podem partir-se. Podias cortar a mão ou pisar o vidro.

A mãe debruçava-se, o cabelo macio caindo sobre o rosto. Rindo, os olhos cheios de alegria, borrifou um pouco de perfume no pescoço de Olívia.

O aroma. O perfume da mãe. Ajoelhando-se, Olívia encostou-se ao baú e respirou longa e profundamente. E absorveu o cheiro da mãe.

Depois pôs a caixa de parte e pegou no primeiro álbum de fotografias. Era pesado e grosso, por isso ela pousou-o sobre o colo. Não havia fotos da mãe em casa dos avós. Olívia lembrava-se de que existiam, mas tinham desaparecido há muito tempo. O álbum estava cheio delas, fotografias da mãe enquanto menina, fotos dela com Jamie e com os pais. Sorrindo, rindo às gargalhadas, fazendo caretas para a máquina.

Fotografias em frente da casa e dentro da casa, no parque de campismo e no lago. Fotografias com o avô quando o seu cabelo era ainda mais ouro que prata, com a avó num vestido bonito.

Havia uma da mãe com um bebê ao colo. — Sou eu — sussurrou Olívia. — Eu e a mamã. — Voltou a página seguinte e depois a outra, quase devorando cada foto, até estas pararem de repente. Ela conseguia ver as marcas na página de onde as fotografias tinham sido removidas.

Sentindo-se impaciente, pôs o álbum de lado e pegou no seguinte.

Agora não se tratava de fotos familiares, mas de recortes de jornais e de artigos de revistas. A mãe na capa da *People* e da *Newsweek* e da *Glamour*. Olívia estudou estes primeiro, observando atentamente, absorvendo cada pormenor. Ela tinha os olhos da mãe. Era algo que já sabia, de que se lembrava, mas vê-lo assim tão claramente, observar a sua cor, a forma, as sobrancelhas escuras.

Excitação, sofrimento e prazer avassalaram-na numa mistura confusa à medida que ela acariciava cada imagem. A mãe fora tão bela, tão perfeita.

Então o coração deu de novo um salto quando ela encontrou uma série de fotografias da mãe com um homem de cabelo escuro. Ele era bonito, como um poeta, pensou Olívia enquanto o seu coração de adolescente suspirava. Havia dezenas de fotografias dos dois num jardim, numa grande sala com dezenas de luzes brilhantes, num sofá com a mãe aconchegada no colo dele, com os rostos próximos e sorrisos um para o outro.

Sam Tanner. Dizia que o nome dele era Sam Tanner. Ao ler, Olívia começou a tremer. O estômago começou a apertar-se, uma dúzia de pequenos punhos a contorcê-lo.

Papá. Era o pai. Como podia ter-se esquecido? Era o pai, de mãos dadas com a mãe, ou com o braço sobre os ombros dela.

Segurando numa tesoura cheia de sangue.

Não, não, não podia ser. Era um sonho, um pesadelo. Imaginação, só isso.

Olívia começou a embalar-se, pressionando as mãos contra a boca à medida que as imagens surgiam. O pânico estendeu os seus dedos longos em volta do pescoço dela, apertando até ela deixar de conseguir respirar.

Vidro partido cintilando no chão. Flores murchas. A brisa amena entrando pela porta.

Não era real. Ela não ia deixar que fosse real.

Olívia pôs esse álbum de parte e ergueu o último com mãos trémulas. Decerto conteria outras fotos, disse a si mesma. Mais fotografias dos pais sorrindo, rindo e abraçando-se.

Mas eram de novo os jornais, com grandes manchetes que pareciam gritar-lhe.

JULIE MACBRIDE ASSASSINADA
SAM TANNER DETIDO
CONTO DE FADAS ACABA EM TRAGÉDIA

Havia fotografias do pai, de aspecto aturdido e descuidado. Mais da tia, dos avós, do tio. E dela, constatou com um sobressalto. De olhos arregalados e mãos a tapar os ouvidos.

A FILHA DE JULIE, ÚNICA TESTEMUNHA DO ASSASSINATO
DA MÃE

Olívia abanou a cabeça em negação, passando agora rapidamente as páginas. Mais um rosto que avivava memórias. O nome dele era Frank, pensou. Ele tinha afugentado o monstro. Ele tinha um filho pequeno e gostava de puzzles.

Um polícia. Suaves gemidos guturais começavam a emergir. Ele tinha-a levado para fora da casa, a casa onde o monstro aparecera. Onde estava o sangue todo.

Porque a mãe estava morta. A mãe estava morta. Ela sabia isso, é claro. *Mas não se pode falar do assunto*, lembrou a si mesma. *Nunca se fala disso porque faz a avó chorar.*

Olívia obrigou-se a fechar o álbum e a guardar tudo de novo dentro do baú, na escuridão. Mas já estava a virar as páginas, procurando palavras e imagens.

Drogas. Ciúme. Obsessão.

Tanner confessa!

Tanner volta atrás na confissão e proclama inocência.

O julgamento de Tanner teve hoje mais uma reviravolta dramática quando o testemunho em vídeo da filha de Tanner, Olívia, de quatro anos de idade, foi apresentado. A criança foi interrogada em casa da tia materna, Jamie Melbourne, e o interrogatório foi gravado com permissão dos avós, enquanto tutores. Anteriormente, o juiz Sato determinara que o depoimento

gravado podia ser apresentado como prova, poupando à menor o trauma de uma comparência em tribunal.

Ela lembrava-se, agora lembrava-se de tudo. Estavam na sala de estar da tia Jamie. Os avós também lá estavam. A mulher de cabelo ruivo e voz suave tinha-lhe feito perguntas acerca da noite em que o monstro aparecera. A avó tinha prometido que seria a última vez que ela teria de falar sobre isso.

E fora.

A mulher tinha-a ouvido e feito mais perguntas. Depois, um homem tinha falado com ela, um homem com um sorriso cuidadoso e olhos cuidadosos. Ela achava que, como se tratava da última vez, em seguida poderia voltar para casa. Que tudo desapareceria.

Mas em vez disso tinha ido para Washington, para a casa grande na floresta.

Agora percebia porquê.

Olívia virou mais páginas, semicerrando os olhos para combater as lágrimas até estas secarem. E de maxilar tenso e olhos limpos, leu mais uma série de manchetes.

SAM TANNER CONDENADO
CULPADO! JÚRI CONDENA TANNER
TANNER CONDENADO A PRISÃO PERPÉTUA

— Mataste a minha mãe, canalha — disse ela com todo o ódio que uma menina pode ter. — Espero que também estejas morto. Espero que tenhas morrido aos gritos.

Com mãos firmes, fechou o álbum, colocando-o cuidadosamente ao pé dos outros no baú. Fechou a tampa e depois levantou-se para desligar as luzes. Desceu as escadas e atravessou a casa vazia em direcção ao alpendre das traseiras.

Sentou-se a olhar fixamente para a chuva.

Olívia não entendia como era possível ter enterrado tudo o que acontecera, como tinha sido possível trancar tudo da mesma forma que a avó trancava as caixas e os álbuns no baú.

Mas ela sabia que isso não voltaria a acontecer. Iria lembrar-se de tudo para sempre. E iria descobrir mais, descobrir tudo o que conseguisse acerca da noite em que a mãe morrera, acerca do julgamento, acerca do pai.

Ela compreendia que não podia perguntar nada à família. Eles achavam que ela era ainda uma criança que precisava de ser protegida. Mas estavam enganados. Ela nunca mais seria uma criança.

Olívia ouviu o som do jipe subindo o caminho de acesso à casa através da chuva. Fechou os olhos e concentrou-se. Parte dela endureceu, depois indagou-se se teria herdado de algum dos pais o talento para a representação. Enfiou o ódio, o sofrimento e a raiva num canto do coração. Selou-os bem.

Depois levantou-se, um sorriso pronto para a avó quando o jipe travou no final do caminho.

— Precisamente quem eu queria ver. — Val puxou o capuz do blusão ao sair do jipe. — Temos aqui muita coisa, Livvy. Vai vestir um blusão e dá-me uma ajuda, está bem?

— Não preciso de blusão. Não vou derreter. — Saiu para a chuva. O cair constante da água era um conforto. — Vamos ter esparguete e almôndegas para o jantar?

— Para a primeira noite da Jamie em casa? — Val riu-se e passou um saco de compras a Olívia. — Que mais?

— Gostava de ser eu a fazer. — Olívia ajeitou o saco na mão e pegou noutro.

— Tu... a sério?

Olívia encolheu um ombro e entrou em casa. A porta fechou-se com força atrás dela e depois abriu-se de novo quando Val a empurrou para entrar com mais sacos. — De onde surgiu essa ideia? Dizes sempre que cozinhar é uma chatice.

Isso era quando eu era criança, pensou Olívia. *Agora é diferente*. — Tenho de aprender algum dia. Eu vou buscar o resto, avó. — Começou a sair mas voltou atrás. A raiva estava dentro dela e não queria ficar trancada. Queria saltar e atirar-se à avó. E isso não estava certo. Deliberadamente, aproximou-se de Val e deu-lhe um enorme abraço. — Quero aprender a cozinhar como a senhora.

Enquanto Val pestanejava atónita de prazer, Olívia correu até ao carro para ir buscar os outros sacos. O que dera à rapariga? Indagou-se Val enquanto desempacotava tomates, alface e pepinos. Ainda naquela manhã se queixara por ter de fazer duas torradas, só lhe faltara dançar de impaciência para sair de casa. Agora queria passar a tarde a cozinhar.

Quando Olívia regressou, Val ergueu as sobrancelhas. — Livvy, meteste-te em sarilhos no parque de campismo?

— Não.

— Queres alguma coisa? Aquela mochila nova que tens debaixo de olho?

Olívia suspirou e afastou o cabelo encharcado dos olhos. — Avó, eu quero aprender a fazer esparguete. Não é nada de mais.

— Estava só a estranhar o interesse súbito.

— Se eu não souber cozinhar, não posso ser independente. E se vou aprender, mais vale aprender como deve ser.

— Muito bem. — Satisfeita, Val acenou concordantemente com a cabeça. — A minha menina está a crescer. — Estendeu uma mão e acariciou a face de Olívia com as pontas dos dedos. — A minha linda Livvy.

— Não quero ser linda. — Alguma da raiva enterrada transpareceu-lhe nos olhos. — Quero ser inteligente.

— Podes ser ambas.

— Prefiro investir na inteligência.

Mudanças, pensou Val. Não se podia pará-las. — Está bem. Vamos arrumar isto tudo e começar.

Com paciência, Val explicou que ingredientes iriam utilizar e porquê, que ervas iriam buscar ao jardim e como os seus sabores se misturariam. Se reparou que Olívia estava a prestar extrema atenção a cada pormenor, estava mais divertida do que preocupada.

Se ela pudesse escutar os pensamentos da neta, talvez tivesse chorado.

Também ensinou a minha mãe a fazer molho? Indagava-se Olívia. *Ela também esteve aqui consigo, neste mesmo fogão, quando tinha a minha idade, a aprender a refogar alho em azeite? Ela sentiu os mesmos cheiros e ouviu a mesma chuva a bater no telhado?*

Porque não me fala dela? Como posso saber quem era se a senhora não me pode falar dela? Como poderei saber quem sou?

Então Val pousou uma mão no ombro dela. — Muito bem, querida. Está muito bem. Tens muito jeito.

Olívia misturou as ervas no refogado do molho. E, por enquanto, iria esquecer o resto.

6.

Como a primeira noite em que Jamie e David iam visitá-los era sempre tratada como uma ocasião especial, a família comeu na sala de jantar com a sua longa mesa de carvalho disposta com velas em castiçais de prata, flores frescas em jarras de cristal e a boa porcelana da bisavó.

A comida abundava, bem como a conversa. Como sempre, a refeição prolongou-se durante duas horas enquanto as velas ardiam e o Sol que tinha espreitado por entre as nuvens começava a esconder-se atrás das árvores.

— Livvy, está uma maravilha. — Jamie gemeu e recostou-se para dar umas palmadinhas no estômago. — Tão maravilhoso que não deixei espaço para o tiramisu.

— Eu deixei. — Rob piscou o olho e deu um puxão no cabelo de Olívia. — Vou só sacudir o esparguete para a minha perna oca. Ela tem a tua mão para o molho, Val.

— É mais provável que fosse a da minha mãe. Eu juro que era melhor que a minha. Eu estava a começar a indagar-me se a nossa menina alguma vez faria mais do que peixe frito numa fogueira de acampamento.

— O sangue fala mais alto — comentou Rob piscando o olho à neta. — A faceta italiana tinha de aparecer mais cedo ou mais tarde. O lado MacBride nunca foi famoso pela destreza na cozinha.

— E é famoso pelo quê, pai?

Ele riu-se e oscilou as sobrancelhas a Jamie. — Somos amantes, querida.

Val bufou, bateu-lhe no braço e levantou-se. — Eu levanto a mesa — disse Jamie, começando a levantar-se.

— Não. — Val apontou um dedo à filha. — Não se dá assistência à cozinha na primeira noite. A Livvy também está dispensada. O Rob e eu limpamos isto e a seguir talvez tenhamos todos espaço para café e sobremesa.

— Ouviste, Livvy? — David debruçou-se para lhe murmurar ao ouvido: — Tu cozinhas, não esfregas os tachos. É um bom negócio.

— Vou começar a cozinhar regularmente. — Olívia sorriu. — É muito mais divertido do que lavar a loiça. Queres ir fazer uma caminhada amanhã, tio? Podemos levar a minha mochila nova.

Olívia olhou de soslaio para a avó, esforçando-se para não sorrir.

— Tu estraga-la com mimos, David — disse Val enquanto empilhava pratos. — Ela não ia receber a mochila até ao aniversário neste Outono.

— Estrago-a? — Com ar meigo, David enfiou um dedo nas costelas de Olívia e fê-la rir. — Não, ela ainda nem sequer está madura. Falta muito até ficar estragada. Importa-se que eu ligue a televisão na outra sala? Tenho um cliente a dar um concerto na cabo. Prometi que ia ver.

— Fica à vontade — disse-lhe Val. — Estende as pernas e descontraí. Eu já levo o café.

— Queres vir conversar comigo lá acima enquanto eu desfaço as malas? — perguntou Jamie à sobrinha.

— Podíamos ir dar uma volta? — Olívia tinha estado à espera do momento certo. Parecia que todos tinham conspirado para que fosse naquele momento. — Antes que escureça?

— Claro. — Jamie levantou-se e espreguiçou-se. — Deixa-me ir buscar um casaco. Vai fazer-me bem para digerir a massa. Assim não me vou sentir culpada se não conseguir ir amanhã ao ginásio da pousada.

— Vou dizer à avó. Encontramo-nos lá fora.

Mesmo no Verão, as noites eram frescas. O ar cheirava a chuva e a rosas molhadas. Os longos dias de Julho prendiam a luz mesmo quando uma Lua fantasmagórica se erguia a leste. Mas Olívia guardou uma lanterna no bolso. Iam precisar dela na floresta. Era a floresta que ela queria. Lá sentia-se em segurança, o bastante para dizer o que precisava de dizer e perguntar o que precisava de perguntar.

— É sempre bom regressar a casa. — Jamie inspirou profundamente e sorriu para o jardim do pai.

— Porque não vives aqui?

— O meu trabalho é em Los Angeles. E o do David também. Mas ambos contamos com a vinda até cá algumas vezes por ano. Quando eu era miúda, acho que da tua idade, achava que o mundo era apenas isto.

— Mas não é.

— Pois não. — Jamie inclinou a cabeça ao olhar para Olívia. — Mas é uma das melhores partes. Ouvi dizer que és uma grande ajuda no parque de campismo e na pousada. O avô disse-me que não conseguia dar conta do recado sem ti.

— Gosto de trabalhar lá. Nem parece trabalho. — Olívia raspou com uma bota na lama e desviou-se da casa em direcção às árvores. — Vem cá muita gente. Algumas pessoas não sabem *nada*. Nem sequer sabem a diferença entre um abeto Douglas e uma cicuta, ou então usam botas de marca muito caras e ficam com bolhas nos pés. Acham que quanto mais pagam por uma coisa, melhor ela é, e isso é estúpido. — Olhou de soslaio para Jamie. — Muitas vêm de Los Angeles.

— Ui! — Divertida, Jamie esfregou o peito. — Acertaste em cheio.

— Há demasiada gente lá em baixo, e carros, nevoeiro e fumo.

— Isso é verdade. — Jamie constatou que tudo isso parecia muito longínquo quando se entrava na floresta, se sentia o cheiro a pinho, o suave odor a decomposição, quando se sentia o tapete de pinhas e agulhas de baixo dos pés. — Mas também pode ser excitante. Casas lindas, palmeiras maravilhosas, lojas, restaurantes, galerias.

— Foi por isso que a minha mãe foi para lá? Para poder fazer compras e ir a restaurantes e ter uma casa linda?

Jamie estacou. A pergunta atingiu-a como uma bofetada e deixou-a zozna. — Eu... ela... A Julie queria ser actriz. Era natural que quisesse ir para lá.

— Ela não teria morrido se tivesse ficado em casa.

— Oh, Livvy. — Jamie começou a estender uma mão mas Olívia recuou.

— Tens de me prometer que não vais dizer nada a ninguém. Nem à avó nem ao avô e nem ao tio David. A ninguém.

— Mas, Livvy...

— Tens de me prometer. — O pânico atingia-lhe a voz, as lágrimas inundavam-lhe os olhos. — Se me prometeres que não contas nada a ninguém, é porque não contas.

— Está bem, bebé.

— Eu não sou nenhuma bebé. — Mas desta vez Olívia deixou-se abraçar. — Nunca ninguém fala acerca dela e as fotografias foram todas guardadas. Não consigo lembrar-me a não ser que me esforce muito. E começo a fazer confusões.

— Nós não queríamos que sofresses. Eras tão pequenina quando ela morreu.

— Quando ele a matou. — Olívia recuou. Os olhos já estavam secos e cintilavam à luz ténue. — Quando o meu pai a matou. Tens de o dizer em voz alta.

— Quando o Sam Tanner a matou.

A dor reapareceu, hediondamente renovada. Cedendo, Jamie sentou-se ao lado de um tronco e expirou lentamente. O solo estava húmido, mas ela não pareceu importar-se.

— Não falar no assunto não significa que não a amemos, Livvy. Talvez signifique que a amávamos demasiado. Não sei.

— Pensas nela?

— Sim. — Jamie estendeu uma mão e segurou firmemente na de Olívia. — Sim, penso. Éramos muito chegadas. Sinto a falta dela todos os dias.

Acenando com a cabeça, Olívia sentou-se ao lado da tia e começou a brincar com a luz da lanterna no chão. — E pensas nele?

Jamie fechou os olhos. Oh, céus, o que deveria fazer? Como deveria lidar com aquilo? — Tento não pensar.

— Mas pensas?

— Sim.

— Ele também está morto?

— Não. — Com os nervos em franja, Jamie esfregou a boca com uma mão. — Está na prisão.

— Porque é que ele a matou?

— Não sei. Não faço ideia. E não nos faz bem nenhum pensarmos nisso, Livvy, porque nunca fará sentido. Nunca.

— Ele costumava contar-me histórias. Costumava levar-me às cavalitas. Eu lembro-me. Tinha-me esquecido, mas agora lembro-me.

Olívia continuou a brincar com o feixe de luz, fazendo-o dançar sobre o tronco em decomposição que sustentava rebentos de plantas que ela reconheceu como cicuta e espruce, rosetas de musgo e tufos de líquenes. Ver aquilo que conhecia trazia-lhe calma.

— Depois adoeceu e foi-se embora. Foi isso que a mamã me disse, mas não era verdade. Foi a droga.

— Onde ouviste essas coisas?

— São verdadeiras? — Olívia desviou os olhos do tronco, da vida fluorescente. — Tia, eu quero saber a verdade.

— Sim, são verdadeiras. Lamento que tenham acontecido a ti, à Julie, a mim, a todos nós. Não podemos mudar isso, Livvy. Temos de continuar com a nossa vida o melhor que conseguimos.

— O que aconteceu é a razão de eu nunca poder ir visitar-vos? É por isso que a avó me ensina em vez de eu ir à escola com as outras crianças? É por isso que o meu nome é MacBride e não Tanner?

Jamie suspirou. Ouviu uma coruja piar e uma agitação nos arbustos. *Caçadores e caça*, pensou. Apenas tentando sobreviver aquela noite. — Nós decidimos que era melhor para ti não estares exposta à publicidade, ao mexerico, às especulações. A tua mãe era famosa. As pessoas estavam interessadas na vida dela, no que tinha acontecido. Em ti. Nós queríamos afastar-te daquilo tudo. Dar-te uma oportunidade, a oportunidade que a Julie teria querido que tivesses de ter uma infância segura e feliz.

— A avó escondeu isso tudo.

— A mãe... a avó... Foi tudo tão difícil para ela, Livvy. Ela perdeu a filha. — *A que mais amava*. — Tu ajudaste-a a ultrapassar essa perda. Consegues perceber? — Agarrou de novo na mão de Olívia. — Ela precisava tanto de ti quanto tu dela. Ela concentrou a vida dela em ti nestes últimos anos. Proteger-te era tão importante... e talvez, ao fazer isso, ela se tenha também protegido a ela própria. Não a podes censurar por isso.

— Não quero censurar. Mas não é justo pedir-me que esqueça tudo. Não posso falar com ela nem com o avô. — As lágrimas queriam reaparecer. Os olhos de Olívia ardiam terrivelmente enquanto ela tentava contê-las. — Preciso de me lembrar da minha mãe.

— Tens razão. Tens toda a razão. — Jamie colocou um braço sobre os ombros de Olívia e apertou-a. — Podes falar comigo. Não vou contar a ninguém. E assim recordamos as duas.

Satisfeita, Olívia deitou a cabeça no ombro de Jamie. — Tia, tens gravações dos filmes em que a minha mãe entrou?

— Sim.

— Um dia quero vê-los. É melhor voltarmos. — Levantou-se e olhou seriamente para Jamie. — Obrigada por me teres contado a verdade.

Que choque era esperar uma criança e ver uma mulher, constatou Jamie. — E vou prometer-te mais uma coisa, Livvy. Este é um lugar especial para mim, um lugar onde somos obrigados a cumprir as promessas que fazemos. Prometo dizer-te sempre a verdade.

— Eu também prometo. — Olívia estendeu uma mão. — Sempre.

Afastaram-se de mãos dadas. No limite da clareira, Olívia olhou para cima. O céu tinha adquirido uma tonalidade azul muito escura. A Lua, não mais um fantasma, tirava uma fatia à noite. — Já apareceram as primeiras estrelas. Elas estão sempre lá, mesmo de dia, mesmo quando não conseguimos vê-las. Mas eu gosto de olhar para elas. Aquela é a estrela da mamã. — Olívia apontou para um pequeno ponto cintilante perto da ponta da Lua crescente. — É a que aparece primeiro.

Jamie sentiu um nó na garganta. — Ela ia gostar disso. Ia gostar que pensasses nela e não estivesse triste.

— O café está pronto! — gritou Val à porta. — Fiz-te um expresso, Livvy. Com muita espuma.

— Já vamos. Ela está feliz por estares cá, por isso tenho direito a expresso com espuma de leite. — O sorriso de Olívia foi tão súbito, tão jovem, que quase partiu o coração de Jamie. — Vamos comer a nossa fatia de tiramisu antes que o avô coma tudo.

— Eh, por tiramisu eu era capaz de defrontar o meu próprio pai sem hesitar.

— Vamos fazer uma corrida. — Olívia saiu disparada como uma bala, com o cabelo louro a esvoaçar.

* * *

Foi aquela imagem — os longos cabelos louros, a audácia de menina, a corrida rápida pela escuridão — que Jamie manteve consigo durante a noite. Observou Olívia a comer sofregamente a sobremesa, travar uma luta de imitações com o avô, aborrecer David para que lhe desse pormenores sobre o encontro com a Madonna numa festa. E indagou-se se Olívia seria suficientemente madura, suficientemente controlada, para se afastar de todos os pensamentos e emoções ou se era simplesmente suficientemente nova para os pôr de parte em favor de doces e atenção.

Por muito que desejasse tratar-se da última hipótese, Jamie chegou à conclusão de que Olívia tinha herdado algum do talento de Julie para a representação.

Sentiu um peso no coração quando se preparava para se deitar no quarto que fora seu enquanto criança. A filha da irmã recorria agora a ela, como havia feito durante aqueles dias terríveis oito anos antes. Só que desta vez ela não era tão criança e não se daria por satisfeita com carícias e histórias.

Ela queria a verdade, e isso significava que Jamie teria de enfrentar partes da verdade que tentara esquecer.

Jamie tivera de lidar com biografias não autorizadas, com documentários, o filme de televisão, a insanidade dos tablóides e os rumores referentes à vida e morte da irmã. E ainda tinha, de vez em quando. A jovem e bela atriz, morta no seu auge pelo homem que amava. Numa cidade que se alimentava de fantasia e mexerico, os contos de fada sinistros assumiam muitas vezes os contornos de lendas.

Jamie fizera o seu melhor para desencorajar tudo aquilo. Não dava entrevistas à imprensa, não fazia negócios, não endossava projectos. Desta forma protegia os pais e a menina. E a si própria.

Contudo, todos os anos ressurgia uma nova vaga de histórias sobre Julie MacBride. Todos os anos, pensou Jamie debruçada sobre o lavatório, observando o próprio rosto, por altura do aniversário da morte dela.

Por isso, Jamie saía de casa todos os Verões, escapava de tudo por uns dias, deixava-se esconder como deixara Olívia ser escondida.

Tinham direito à sua privacidade, não tinham? Jamie suspirou e esfregou os olhos. Tal como Olívia tinha o direito de falar sobre a mãe que tinha perdido. De alguma forma, ela tinha de arranjar maneira de ambas terem as duas coisas.

Jamie endireitou-se e desviou o cabelo do rosto. Tinha deixado o cabeleireiro convencê-la a fazer uma permanente e algumas madeixas subtis em volta do rosto. E tinha de admitir que ele tinha razão. Davam-lhe uma aparência mais suave, mais jovem. A juventude não era apenas uma questão de vaidade, pensou. Era uma questão de negócio.

Ela estava a começar a ver rugas em volta dos olhos, aqueles sinais terríveis da idade e do cansaço. Mais cedo ou mais tarde, teria de considerar uma cirurgia plástica. Mencionara esse facto a David e ele rira simplesmente.

Rugas? Que rugas? Não vejo rugas nenhuma.

Homens, pensava ela agora. Mas ambos sabiam que a resposta dele a agradara.

Ainda assim, isso não queria dizer que ela pudesse dar-se ao luxo de negligenciar a pele. Demorou algum tempo a aplicar o creme de noite, usando movimentos ascendentes ao longo do pescoço, e aplicou depois um creme de olhos com as pontas dos dedos. Depois acrescentou um pouco de perfume entre os seios para o caso de o marido estar romântico naquela noite.

Estava muitas vezes.

Sorrindo, Jamie voltou para o quarto onde deixara a luz acesa para David. Ele ainda não tinha subido, por isso ela fechou cuidadosamente a porta e dirigiu-se ao espelho alto giratório. Tirou o robe e examinou-se.

Jamie fazia exercício três dias por semana com uma *personal trainer* a quem chamava secretamente «Marquesa de Sade». Mas resultava. Talvez

os seios já não pudessem ser qualificados de empertigados, mas o resto do corpo estava firme e em forma. Desde que tivesse tempo para se exercitar, não haveria necessidade de qualquer ajuste cirúrgico, a não ser nos olhos.

Ela entendia a importância de se manter atraente — no trabalho de relações públicas e no casamento. Os actores e artistas com que ela e David trabalhavam pareciam rejuvenescer cada vez que os via. Algumas das suas clientes eram mulheres belas e desejadas, mulheres *juvenes*. E Jamie sabia que sucumbir à tentação era mais a regra do que a excepção na vida que ela e David levavam.

Ela também sabia que tinha sorte. *Quase catorze anos*, reflectiu. O tempo de duração do seu casamento era um autêntico milagre em Hollywood. Claro que tinham tido os seus altos e baixos, mas tinham conseguido ultrapassar as adversidades.

Ela sempre pudera contar com ele, e ele com ela. E o outro milagre era o facto de ainda se amarem.

Jamie voltou a vestir o robe e atou o cinto enquanto se dirigia às portas do terraço e as abria para a noite. Saiu para ouvir o vento suspirar através das árvores. Para procurar a estrela de Julie.

Quantas vezes nos sentámos aqui fora, em noites como esta, a sonhar? Conversávamos baixinho quando devíamos estar na cama. E fazíamos planos. Planos tão grandes e bonitos. Consegui tanto daquilo que sonhei, tanta coisa que não teria se tu não tivesses tido primeiro os grandes sonhos. Se não fosses tu, eu provavelmente nunca teria conhecido o David. Nunca teria tido a coragem de fundar a minha própria empresa. Tantas coisas que eu não teria feito, que não teria visto se não te tivesse seguido.

Jamie encostou-se ao parapeito e fechou os olhos enquanto o vento brincava com os seus cabelos, a bainha do robe, e lhe arrepiava a pele nua. *Também quero que a Livvy tenha sonhos grandes. Que nada a impeça de alcançar aquilo que mais deseja. E desculpa-me, Julie. Desculpa-me por ter tentado que ela te esquecesse.*

Jamie recuou, esfregando os braços devido ao frio. Mas manteve-se no exterior, observando as estrelas até David a encontrar.

— Jamie? — Quando ela se virou, os olhos dele animaram-se. — És linda. Estava com receio que te tivesses deitado enquanto eu fumava charutos e contava mentiras com o teu pai.

— Não, quis esperar por ti. — Jamie avançou para os braços dele e anichou a cabeça no ombro dele. — Estava à espera disto.

— Ainda bem. Estiveste muito calada esta noite. Sentes-te bem?

— Hum. Apenas um pouco perdida em pensamentos. — E muitos que não podia partilhar com ele. Tinha feito uma promessa. — Amanhã faz oito anos. Às vezes parece-me que foi há uma eternidade e outras vezes

parece que foi ontem. É tão importante para mim que venhas comigo todos os anos, David. Que compreendas porque tenho de estar aqui. Eu sei o quão difícil é para ti organizares a tua agenda para poderes arranjar estes dias.

— Jamie, ela era importante para todos nós. E tu... — Afastou-a para a beijar. — Tu és a coisa mais importante da minha vida.

Com um sorriso, Jamie pousou uma mão na face dele. — Devo mesmo ser. Eu sei o quanto adoras passear pela floresta e passar uma tarde a pescar.

Ele sorriu. — A tua mãe vai levar-me com ela ao rio amanhã.

— Meu herói.

— Eu acho que ela sabe que odeio pescar e faz-me ir lá todos os Verões para se vingar de eu lhe ter roubado a filha.

— Bem, então o mínimo que a filha dela pode fazer é compensar-te.

— Ah, sim? — As mãos dele deslizavam já para tocarem no traseiro dela através do tecido fino do robe. — Como?

— Vem comigo. Eu mostro-te.

* * *

Olívia sonhava com a mãe e choramingava. Estavam as duas encolhidas dentro de um armário cheio de animais que as fitavam com olhos vítreos. Ela estremecia no escuro e agarrava-se com força à mãe porque o monstro vociferava do outro lado da porta. Ele berrava o nome dela enquanto batia com os pés no chão.

Ela escondia a cara contra o peito da mãe, e tapava os ouvidos com as mãos quando ouviu um estrondo ali mesmo, tão perto de onde ela tentava desaparecer.

Então a porta abriu-se de rompante e o armário encheu-se de luz. E ela viu que tinha as mãos cobertas de sangue, o sangue que empapava os cabelos da mãe. E os olhos da mãe pareciam os dos animais. Estavam fixos e vítreos.

— Estava à tua procura — disse o pai, abrindo e fechando a tesoura que brilhava e pingava.

Enquanto ela se agitava com este sonho, outros sonhavam com Julie.

Imagens de uma linda menina rindo na cozinha enquanto aprendia a fazer molho de tomate igual ao da avó. De alguém muito querida que corria pelos bosques com os cabelos louros esvoaçando. De uma amante que suspirava na noite. De uma mulher extremamente bela dançando vestida de branco no dia do seu casamento.

De morte, tão terrível, tão horrenda que não podia ser lembrada à luz.

E os que sonhavam com ela choravam.
Até o seu assassino.

* * *

Ainda estava escuro quando Val bateu rapidamente à porta do quarto. — Toca a levantar, David. O café está pronto e os peixes à nossa espera.

Com um gemido de lamentação, David virou-se para o outro lado e enterrou a cabeça debaixo da almofada. — Oh, meu Deus.

— Dez minutos. Vou preparar-te o pequeno-almoço.

— Esta mulher não é humana. Não pode ser.

Com uma gargalhada sonolenta, Jamie empurrou-o para a beira da cama. — Toca a levantar, pescador.

— Diz-lhe que morri durante o sono. Imploro-te. — Tirou a almofada de cima da cabeça e olhou para a silhueta da mulher. Ela sorriu quando ele lhe colocou uma mão sobre um seio. — Vai apanhar peixe e, se fores muito bom, esta noite recompenso-te.

— O sexo não compra tudo — disse ele com alguma dignidade, levantando-se em seguida. — Mas compra-me a mim. — David tropeçou nalguma coisa, praguejou e depois coxeou até à casa de banho enquanto a mulher se ria.

Ela estava a dormir profundamente quando ele regressou, lhe deu um beijo fugaz e saiu.

A luz entrava através da janela quando os abanões e sussurros a acordaram. — Hum? O que é?

— Tia Jamie? Estás acordada?

— Não até tomar o meu café.

— Eu trouxe-to.

Jamie abriu um olho e focou a sobrinha. Sentiu o aroma do café e suspirou. — És a minha rainha.

Com uma gargalhada, Olívia sentou-se na cama ao lado de Jamie. — Acabei de o fazer. A avó e o tio David já se foram embora e o avô foi para a pousada. Ele disse que tinha de tratar de papelada, mas ele gosta é de ir para lá falar com as pessoas.

— Conhece-lo bem. — De olhos fechados, Jamie bebeu o primeiro gole. — E tu? O que vais fazer?

— Bem... o avô disse que eu podia tirar o dia de folga se quisesses ir fazer uma caminhada comigo. Podia levar-te por um dos percursos mais fáceis. É uma espécie de treino para se ser guia. Eu não posso ser guia antes dos dezasseis, muito embora conheça todos os caminhos melhor do que a grande maioria.

Jamie abriu de novo um olho. Olívia tinha um sorriso resplandecente no rosto e um olhar suplicante. — Também me conheces bem, não é?

— Posso usar a minha mochila nova. Vou preparar sanduíches e outras coisas enquanto te vestes.

— Que tipo de sanduíches?

— Presunto e queijo.

— Fechado. Dá-me vinte minutos.

— Está bem! — Olívia saiu disparada do quarto, deixando Jamie ocupar dois dos vinte minutos a recostar-se e a desfrutar o café.

* * *

O dia estava quente e luminoso, com um céu azul profundo de Verão. Um dia perfeito para pensar no presente e não no passado, concluiu Jamie.

Flectiu os pés dentro das confortáveis botas antigas e estudou a so-
brinha. Olívia tinha o cabelo enfiado dentro de um boné com o logo da
Pousada e do Parque de Campismo do Fim do Rio gravado à frente. A
T-shirt estava já desbotada e a camisa desabotoada e puída nos punhos.
As botas já gastas tinham um aspecto confortável e a mochila era de um
azul forte.

Olívia tinha uma bússola e uma faca presa no cinto.

Jamie concluiu que ela parecia extremamente competente.

— Ok, quando comesas o discurso?

— Discurso?

— Pois, contratei-te para me guiares hoje, para me ensinares as re-
gras, para fazeres da minha caminhada uma experiência memorável. Não
percebo nada do assunto. Sou uma caminhante da cidade.

— Caminhante da cidade?

— Exactamente. O meu território é a Rodeo Drive e vim cá para sen-
tir a natureza. Quero dar o meu dinheiro por bem empregue.

— Ok. — Olívia endireitou os ombros e pigarreou. — Hoje vamos
percorrer o carreiro John MacBride. Este carreiro tem uma extensão de
apenas quatro quilómetros que atravessa a floresta, e depois tem uma su-
bida de cerca de um quilómetro até à zona do lago que proporciona lindas
vistas. Hum... Caminhantes mais experientes preferem muitas vezes conti-
nuar a caminhada a partir daí através de um dos carreiros mais difíceis, mas
esta escolha dá ao visitante a hipótese de experienciar tanto a floresta como
as vistas do lago. Que tal?

— Nada mal.

Era, pensou Olívia, quase palavra por palavra o que dizia um dos livros em saldo na loja de lembranças da pousada. Ela só tivera de se esforçar por visualizar a página na cabeça e ler o que lá estava escrito.

Mas iria alterar isso. Iria aprender a personalizar os seus guias. Ia aprender a ser a melhor guia.

— Ok. Enquanto tua guia, e representante da Pousada e do Parque de Campismo do Fim do Rio, vou providenciar-te um almoço de piquenique e explicações sobre a flora e fauna que virmos durante o nosso passeio. Terei todo o prazer em responder a quaisquer dúvidas.

— Tens mesmo jeito para isto. Por mim, estou pronta.

— Fixe. O caminho pedestre começa aqui, no local original da primeira herdade MacBride. John e Nancy MacBride viajaram do Kansas para ocidente em 1853 e fixaram-se aqui no limiar da floresta tropical do Quinault.

— Pensava que as florestas tropicais ficavam nos trópicos — disse Jamie e agitou as pestanas em direcção a Olívia enquanto se deslocavam por entre o arvoredado.

— O Vale Quinault possui uma das poucas florestas tropicais temperadas do mundo. Temos temperaturas amenas e muita chuva.

— As árvores são *tão* altas! Que árvores são?

— As mais altas de todas são coníferas Sitka; podemos identificá-las através da casca escamosa. E os abetos Douglas. Crescem bem verticais e atingem grandes alturas. Quando envelhecem, a casca fica castanha-escura e com sulcos profundos. Depois há também a cicuta ocidental. Não é uma árvore de grande copa e dá-se bem à sombra, por isso é mais baixa que as outras. Não cresce tão rapidamente como o abeto Douglas. Estás a ver as pinhas espalhadas por todo o lado? — Olívia agachou-se para apanhar uma. — Esta é de um abeto Douglas. Vês os três pontos? Há montes delas no interior da floresta, mas não irás ver árvores jovens porque elas não são tolerantes à sombra. Os animais gostam delas, e os ursos gostam de comer a casca.

— Ursos! Ugh!

— Oh, tia!

— Eh, eu sou uma cliente da cidade, lembras-te?

— Certo. Não precisas de te preocupar com os ursos se tomares precauções bastante simples — papagueou Olívia. — O urso negro vive no seu território. O maior problema que dão é o facto de gostarem de roubar comida, por isso temos de ser cuidadosos no armazenamento da comida e dos desperdícios. Nunca se deve deixar comida nem pratos sujos esquecidos no acampamento.

— Mas trazes comida na tua mochila. E se os ursos a farejarem e vierem atrás de nós?

— Eu trago a comida embrulhada em película plástica, por isso eles não vão sentir o cheiro. Mas se aparecer algum urso, devemos fazer bastante barulho. Precisamos de manter a calma e dar-lhes espaço para que possam ir-se embora.

Saíram da clareira para o meio do arvoredado. A luz tornou-se quase instantaneamente suave e verde, apenas com uns salpicos do Sol que espreitava através das copas das árvores. Os raios eram dedos finos, claros e encantadores. O solo estava coberto de pinhas, musgo e fetos. O verde cobria toda a área com formas subtilmente diferentes, mas texturas extravagantemente divergentes.

Um tordo passou por elas num voo rasante, mal agitando o ar.

— Isto parece pré-histórico.

— Acho que é. Para mim é o lugar mais belo do mundo.

Jamie pousou a mão no ombro de Olívia. — Eu sei. — *E um lugar seguro*, pensou. *Um lugar ideal para o crescimento de uma criança*. — Descreve-me o que vamos vendo pelo caminho, Livvy.

Avançavam devagar, com Olívia a fazer os possíveis por usar uma voz e ritmo de um guia turístico. Mas a floresta sempre a deslumbrara. Olívia indagava-se porque teria de explicar algo que bastava ver e sentir.

A luz era tão suave que era como se a pudesse sentir na pele, o ar tão denso de aromas que quase a punha zozna. Pinho e humidade e os troncos moribundos que eram a fonte de vida para as novas árvores. O aspecto ilusoriamente frágil do musgo que brotava espalhava-se e trepava por toda a parte. Os sons — botas esmagando agulhas e pinhas, a agitação de pequenos animais que corriam de um lado para o outro nos seus afazeres, o canto dos pássaros, o súbito gorgolejar da água de um pequeno riacho. Tudo se unia para ela no seu tipo especial de silêncio.

A floresta era a sua catedral, mais magnificente e certamente sagrada para Olívia do que qualquer imagem que ela já vira dos edificios gloriosos em Roma ou Paris. Aquele lugar vivia e morria todos os dias.

Olívia chamou a atenção para um anel de cogumelos que adicionavam salpicos de branco e amarelo, para líquenes que acolchoavam os grandes troncos das árvores, para as sementes leves como papel caídas da enorme conífera Sitka, o complexo emaranhado de trepadeiras que insistiam em crescer à beira do caminho.

Elas contornaram cepos cobertos de musgo e rebentos, caminharam por entre fetos e avistaram, graças ao olhar perspicaz de Olívia, uma água pairando majestosamente bem acima das copas.

— Quase ninguém usa este carroiro — disse Olívia — porque o primeiro bocado é particular. Mas os caminhos públicos começam agora e vamos começar a encontrar gente.

— Não gostas de ver gente, Livvy?

— Não muito na floresta. — Fez um sorriso acanhado. — Gosto de pensar que é minha e que nunca ninguém a irá mudar. Vês? Escuta. — Levantou uma mão e fechou os olhos.

Intrigada, Jamie fez o mesmo e ouviu um vago tinido de música, algo entre *country* e *western*.

— As pessoas destroem a magia — disse solenemente Olívia, começando a subir uma encosta.

À medida que subiam, Jamie começou a ouvir mais sons. Uma voz, a gargalhada de uma criança. À medida que as árvores iam escasseando, a luz do Sol ia entrando e o suave crepúsculo verde acabou por desaparecer.

Os lagos estendiam-se por uma vasta área, cintilando ao sol, salpicados de barcos. E as enormes montanhas erguiam-se em direcção ao céu, enquanto as depressões, vales e desfiladeiros as atravessavam com sulcos serpenteantes.

Mais quente agora, Jamie sentou-se e despiu a camisa para deixar o sol beijar-lhe os braços. — Há todo o tipo de magia. — Sorriu quando Olívia tirou a mochila dos ombros. — Não é preciso estar-se sozinha para a sentir.

— Acho que não. — Cuidadosamente, Olívia desempacotou a comida, os termos e depois, sentando-se ao estilo indiano, ofereceu os binóculos a Jamie. — Talvez consigas ver o tio David e a avó.

— Talvez o tio David se tenha atirado do barco e nadado até casa. — Com uma gargalhada, Jamie ergueu os binóculos. — Oh, aqui há cisnes! Acho os cisnes muito bonitos. Deslizam com muita elegância. Devia ter trazido a máquina fotográfica. Não sei porque é que nunca me lembro disso.

Baixou os binóculos para pegar numa das sanduíches que Olívia tinha cortado meticulosamente ao meio. — Isto aqui é sempre tão bonito. Independentemente da estação e da hora do dia.

Jamie olhou para Olívia e reparou que esta a olhava fixamente. Sentiu um arrepio ao ver aquele olhar avaliador nos olhos de uma criança. — Que foi?

— Tenho de te pedir um favor. Não vais querer fazê-lo, mas eu pensei bastante no assunto e é muito importante. Preciso que me consigas uma morada. — Olívia contraiu os lábios e expirou com força. — A do agente que me levou naquela noite para tua casa. O nome dele é Frank. Lembro-me vagamente dele. Quero escrever-lhe.

— Porquê, Livvy? Não há nada que ele te possa dizer e que eu não. Não te faz bem preocupares-te tanto com isto.

— É de certeza melhor saber da verdade do que pôr-me a imaginar. Ele foi simpático para mim. Sentir-me-ia melhor nem que fosse para lhe dizer que me recordo de que ele foi simpático para mim. E... ele esteve lá naquela noite, tia. Tu não. Eu estive sozinha até ele aparecer. Quero falar com ele.

Olívia virou a cabeça para contemplar os lagos. — Vou dizer-lhe que os meus avós não sabem que eu lhe estou a escrever. Não vou contar mentiras. Mas preciso de tentar. Só me lembro que se chamava Frank.

Jamie fechou os olhos e sentiu-se angustiada. — Brady. O nome dele é Frank Brady.

7.

Frank Brady voltou o envelope azul-claro nas mãos. O seu nome e endereço da esquadra tinham sido escritos à mão, numa caligrafia limpa, precisa e inconfundivelmente infantil, bem como o endereço do remetente ao canto.

Olívia MacBride.

A pequena Livvy Tanner, pensou ele, uma jovem fantasma do passado.

Oito anos. Ele nunca tinha conseguido esquecer por completo aquela noite, aquelas pessoas, aquele caso. Embora tivesse tentado. Frank tinha cumprido o seu dever, a justiça tinha feito o seu melhor, e a menina tinha sido levada por familiares que a amavam.

Caso encerrado. Apesar das histórias sobre Julie MacBride que resurgiam de vez em quando, dos mexericos, dos rumores, dos filmes que passavam tardiamente na televisão, o caso estava encerrado. Julie MacBride seria para sempre uma bela mulher de trinta e dois anos, e o homem que a tinha assassinado continuaria na sua cela pelo menos durante mais uma década.

Por que diabos ter-lhe-ia a miúda escrito depois de tanto tempo? E por que raios não abria ele simplesmente a carta para saber?

Contudo, Frank hesitava, franzindo o sobrolho ao envelope enquanto telefones tocavam ao seu redor e agentes entravam e saíam da esquadra. Frank deu por si a desejar que o próprio telefone tocasse para que ele pudesse colocar a carta de lado e pegar num novo caso. Depois, praguejando baixinho, abriu o envelope, abriu a única folha de papel de carta condizente e leu:

*Caro Detective Brady,
Espero que se lembre de mim. A minha mãe era Julie MacBride,
e quando ela foi morta, o senhor levou-me para casa da minha*

tia. E também me foi lá visitar. Naquela altura eu não percebia o que tinha acontecido nem que o senhor estava a investigar. O senhor fez-me sentir segura e disse-me que as estrelas também existiam de dia. O senhor ajudou-me naquela altura. Espero que possa ajudar-me agora.

Tenho estado a viver com os meus avós no Estado de Washington. Isto aqui é muito bonito e eu gosto muito deles. A tia Jamie veio visitar-nos esta semana e eu perguntei-lhe se ela me podia dar o seu endereço para eu lhe poder escrever. Eu não disse nada aos meus avós para não os entristecer. Nós nunca falamos sobre a minha mãe nem sobre o que o meu pai fez.

Tenho perguntas a que ninguém pode responder a não ser o senhor. É muitíssimo importante para mim saber a verdade, mas não quero magoar a minha avó. Tenho agora doze anos de idade, mas ela não compreende que quando penso naquela noite e tento recordar-me do que aconteceu, a minha cabeça fica uma confusão e isso ainda me faz sentir pior. Poderia conversar comigo?

Pensei que se quisesse tirar umas férias, talvez até pudesse vir até cá. Lembro-me de que tinha um filho. O senhor disse-me que ele comia insectos e que às vezes tinha pesadelos com invasores extraterrestres, mas ele agora já é mais velho, por isso já não os deve ter.

Céus, pensou Frank com uma gargalhada de espanto. A miúda tinha uma memória de elefante.

Aqui há muito que fazer. A nossa pousada e parque de campismo são muito bons, e eu podia até enviar-lhe as nossas brochuras. Pode-se também pescar, fazer caminhadas ou andar de barco. A pousada tem uma piscina e entretenimento nocturno. Ficamos também perto de uma das praias mais bonitas do Noroeste.

Enquanto tremelicava os lábios ao constatar o talento de vendedora de Olívia, Frank passou os olhos pelo resto da carta.

Por favor, venha. Não tenho com quem mais falar.

Cumprimentos,
Olívia

— Céus! — Frank dobrou a carta, voltou a guardá-la no envelope e enfiou-o no bolso do casaco. Mas não foi capaz de tirar Olívia do pensamento com tanta facilidade.

* * *

A carta e a recordação da menina acompanharam-no o dia todo. Frank decidiu que iria escrever-lhe uma resposta delicada, mantendo um tom leve — compreensivo mas evasivo. Podia contar-lhe que Noah ia entrar para a faculdade no Outono e que tinha sido nomeado o melhor jogador no seu torneio de basquetebol. Um discurso simples, conversador. Daria a desculpa do trabalho e da família para não poder ir visitá-la.

Que bem faria ir até Washington para conversar com ela? Só iria perturbar todos os envolvidos. Ele não podia arcar com uma responsabilidade dessas. Os avós dela eram boa gente.

Frank investigara-os quando eles se haviam proposto para a custódia. Apenas para não deixar pontas soltas. E talvez nos primeiros anos tivesse feito mais alguma investigação — apenas para ter a certeza de que a miúda se estava a adaptar bem.

Depois encerrara o caso. E era assim que pretendia mantê-lo.

Ele era polícia, lembrou a si mesmo ao dobrar a esquina em direcção a casa. Ele não era psicólogo nem agente da assistência social e a sua única ligação a Olívia era um assassinato.

Decerto não lhe faria bem nenhum falar com ele.

Estacionou no caminho de acesso à casa atrás de um Honda Civic azul que tinha substituído o VW da mulher quatro anos antes. Ambos os pára-choques estavam apinhados de autocolantes. A mulher podia ter desistido do seu adorado Carocha, mas não tinha desistido das suas causas.

A bicicleta de Noah tinha dado lugar a um Buick em segunda mão que o rapaz mimava como a uma amante. Ele iria enchê-lo e levá-lo para a faculdade daí a poucas semanas. Essa ideia atingiu Frank como habitualmente — como uma seta no coração.

As flores que dançavam em redor da porta estavam viçosas devido à atenção de Noah. Só Deus sabia onde ele tinha arranjado o jeito para a jardinagem, pensou Frank enquanto saía do carro. Assim que o rapaz se fosse para a escola, tanto ele como Célia dariam cabo das plantas em menos de um mês.

Entrou em casa ao som dos Fleetwood Mac. O coração dele afundou-se. Célia gostava de cozinhar ao som dos Fleetwood Mac, e se ela tinha decidido fazer isso, queria dizer que Frank iria assaltar a cozinha a meio da noite à procura dos seus bem escondidos pacotes de comida de plástico.

A sala de estar estava arrumada — mais um mau sinal. O facto de não haver jornais nem sapatos espalhados significava que Célia saíra mais cedo do trabalho no abrigo de mulheres e se estava a sentir doméstica.

Ele e Noah sofriam quando Célia entrava em modo doméstico. Haveria uma refeição caseira que teria muito mais a ver com nutrição do que com sabor, uma casa arrumada onde ele nunca seria capaz de encontrar nada e muito provavelmente roupa lavada e acabada de passar. O que significava que ele não iria encontrar as meias.

As coisas corriam muito melhor no lar de Brady quando Célia deixava as tarefas domésticas para os seus homens.

Quando Frank entrou na cozinha, os seus piores receios confirmaram-se. Célia estava alegremente a mexer algo ao fogão. Havia um pão-de-forma acabado de fazer em cima da bancada ao lado de um enorme puré amarelo.

Mas ela estava tão bonita com o cabelo louro preso num rabo-de-cavalo, as ancas estreitas de adolescente oscilando ao ritmo da música e os pés delgados descalços.

Ela tinha um olhar de inocência competente que ele sempre considerara que disfarçava uma determinação infundável. Não havia nada que Célia Brady almejasse e que não conseguisse fazer.

Tal como conseguira sempre tudo dele desde o dia em que, ela com os seus vinte anos e ele com vinte e três, a tinha detido durante um protesto contra testes em animais.

Tinham passado as duas primeiras semanas do relacionamento a discutir. As duas seguintes na cama. Ela recusara-se a casar com ele, por isso haviam discutido por causa disso. Mas ele também tinha a sua quota-parte de determinação. Durante o ano em que tinham vivido juntos, ele conseguira convencê-la.

Frank aproximou-se subitamente da mulher e abraçou-a com força por trás. — Amo-te, Célia.

Ela voltou-se nos braços dele e deu-lhe um beijo rápido. — Vais comer à mesma o feijão preto e puré de abóbora. Faz-te bem.

Ele achava que ia sobreviver — e tinha mini-pizas escondidas no fundo do congelador. — Eu como, e vou continuar a amar-te. Sou um tipo rijo. Onde está o Noah?

— Lá fora a jogar basquete com o Mike. Mais logo tem um encontro com a Sarah.

— Outra vez?

Célia não pôde deixar de sorrir. — Ela é uma boa miúda, Frank. E com a partida dele para a faculdade dentro de poucas semanas, eles querem passar o maior tempo possível juntos.

— Eu só gostava que ele não estivesse tão ligado a esta rapariga. Ele só tem dezoito anos.

— Frank, depois de um semestre na faculdade, a Sarah não passará de uma vaga lembrança. Agora diz-me, o que se passa realmente?

Ele não se deu ao trabalho de suspirar, mas aceitou a cerveja que ela lhe ofereceu. — Lembras-te do caso MacBride?

— Julie MacBride? — Célia ergueu as sobrancelhas. — Claro. Foi o caso mais importante da tua carreira e tu ainda ficas triste quando passa algum filme dela na TV. Mas o que tem o caso MacBride? Encerraste-o há anos. O Sam Tanner está preso.

— A menina.

— Sim, eu lembro-me. Ela partiu-te o coração. — Célia esfregou-lhe o braço. — És um sentimental.

— Os avós dela conseguiram a custódia e levaram-na para Washington. Têm lá uma casa, uma pousada e um parque de campismo na Península Olímpica. Mesmo pegado à Floresta Nacional.

— A Floresta Nacional Olímpica? — Os olhos de Célia iluminaram-se. — Oh, é um lugar muito bonito! Fiz lá montanhismo naquele Verão em que terminei o liceu. Eles conseguiram mesmo manter as sanguessugas insaciáveis à distância.

Para Célia, sanguessugas insaciáveis eram todos os que queriam cortar uma árvore, demolir um edifício antigo, caçar coelhos ou alcatroar uma quinta.

— Adoradora de árvores.

— Ah, ah! Se fizesses ideia do estrago que pode ser feito por lenhadores que não têm a clarividência para...

— Não comeces, Cee, já vou comer os feijões e o puré.

Ela fez um beicinho, mas depois encolheu um ombro e começou a levantar-se. Como o objetivo dele não era que ela se levantasse, Frank tirou a carta do bolso. — Lê só isto e diz-me o que pensas.

— Então agora estás interessado naquilo que eu penso. — Mas depois de ler as primeiras linhas, sentou-se novamente e a luz de batalha nos seus olhos deu lugar à compaixão. — Pobrezinha — murmurou. — Ela está tão triste. E é tão corajosa.

Célia passou os dedos pela carta e depois devolveu-a a Frank antes de voltar a mexer a panela. — Sabes, Frank, umas férias em família antes de o Noah partir para a faculdade seria bom para nós. E não acampamos desde que ele tinha três anos e tu juraste não passar nem mais uma noite a dormir no chão.

Metade do peso que ele sentia devido à carta saiu-lhe dos ombros. — Eu amo-te mesmo, Célia.

* * *

Olívia fazia o máximo por ter um comportamento normal, para esconder o nervosismo e o entusiasmo para que os avós não desconfiassem de nada. Por dentro, estava ofegante e agitada, e doía-lhe um pouco a cabeça, mas cumpriu as suas tarefas matinais e conseguiu almoçar um pouco para que ninguém comentasse a sua falta de apetite.

Os Brady não deviam tardar a chegar.

Ela sentira-se aliviada quando o avô tinha sido chamado ao parque de campismo logo a seguir ao almoço para resolver um pequeno problema. Não tinha sido difícil arranjar desculpas para ficar em vez de ir com ele, embora ela se tivesse sentido culpada por não estar a ser sincera.

A culpa fazia-a trabalhar o dobro do que seria normal na limpeza do terraço para onde dava a sala de refeições da pousada e na eliminação das ervas daninhas do jardim que o delimitava.

Aquele era também o local ideal para ver quem chegava e partia.

Olívia arrancava as ervas daninhas dos nastúrcios que tombavam para cima do muro baixo em tons de laranja e amarelo, cortava os mal-mequeres já murchos atrás deles e mantinha-se atenta à entrada da recepção.

As mãos suavam no interior das luvas de jardinagem, que ela só usava porque queria ser adulta e cumprimentar a família Brady sem ter os dedos ou as unhas sujas de terra. Ela queria que Frank visse que era suficientemente adulta para compreender o que se tinha passado com a mãe e com o pai.

Não queria que ele visse uma menina assustada que precisava de ser protegida de monstros.

Ia aprender a expulsar sozinha os monstros, pensou. Depois, apesar dos seus planos, passou distraidamente uma mão pela face e sujou-a de terra.

Olívia tinha-se penteado e apanhado o cabelo num rabo-de-cavalo que tinha passado pela abertura traseira do boné vermelho. Tinha vestido umas calças de ganga e uma T-shirt da pousada. Ambas estavam limpas naquela manhã, e embora ela tivesse tentado mantê-las assim, os joelhos das calças já se tinham sujado.

Isso só provaria que ela tinha estado a trabalhar, disse ela para si mesma. Que era uma pessoa responsável.

Eles já deviam ter chegado, pensou. Deviam estar mesmo a chegar, tinha de ser. De contrário, o avô podia regressar entretanto. Ele poderia reconhecer Frank Brady. Era o mais provável. O avô lembrava-se de tudo e de todos. Depois arranjaría forma de a impedir de conversar com Frank,

de lhe fazer perguntas. Se eles não chegassem rapidamente, todo o planejamento, o cuidado e as esperanças que tivera seriam em vão.

Um casal saiu para o terraço e sentou-se a uma das pequenas mesas de ferro. Olívia sabia que um dos empregados sairia para lhes servir bebidas ou snacks. E ela perderia a privacidade.

Olívia caminhou ao longo do canteiro, ouvindo a mulher ler sobre os percursos no guia, planejando a caminhada do dia seguinte, debatendo se havia de seguir um dos mais longos e encomendar um dos almoços de piquenique que a pousada providenciava.

Normalmente, Olívia pararia o que estava a fazer para recomendar precisamente esse plano, para dar a sua própria descrição do caminho que a mulher parecia preferir. Os convidados gostavam do toque pessoal e os avós encorajavam-na a partilhar os seus conhecimentos da área com eles. Mas ela tinha muitas coisas em que pensar para fazer conversa, por isso continuou a trabalhar agachada no terraço até quase desaparecer de vista.

Olívia viu o grande carro antigo chegar ao caminho de acesso à pousada, mas reparou imediatamente que o homem que conduzia era demasiado jovem para ser Frank Brady. O rapaz tinha uma cara bonita — pelo menos no que lhe era dado a ver, já que ele usava boné e óculos escuros. O cabelo que saía do boné era ondulado e castanho-claro.

A mulher que estava sentada ao lado também era bonita. Olívia calculou que devesse ser a mãe dele, embora também não parecesse muito velha. Talvez fosse tia ou a irmã mais velha.

Tentou rememorar a reserva que tinha sido feita, tentando lembrar-se se ia chegar algum casal naquele dia, mas depois viu mais uma pessoa esparramada no banco traseiro.

O coração começou a bater com força no peito, o eco de resposta um batuque surdo na cabeça. Levantou-se lentamente quando o carro contornou a última curva e estacionou.

Ela reconheceu-o de imediato. Olívia não estranhou minimamente que a vaga recordação daquela cara se tivesse revelado por completo assim que Frank saiu do carro. Lembrava-se agora perfeitamente da cor dos olhos, do som da voz, da sensação da mão grande e delicada na sua face.

Sentiu uma tontura quando ele virou a cabeça e a viu. Sentiu os joelhos tremerem-lhe, mas descalçou as luvas e enfiou-as no bolso de trás. A boca estava completamente seca, mas forçou um sorriso educado e avançou.

E ele também.

Para Olívia, naquele momento, a mulher e o jovem que saíam do carro tinham-se desvanecido. Bem como o muro de árvores enormes, o brilhante céu azul acima delas, o esvoaçar de borboletas, o chilrear de pássaros.

Só o via a ele, tal como só o vira a ele na noite em que ele abrira a porta do armário.

— Sou a Olívia — disse ela numa voz que lhe parecia muito distante. — Obrigada por ter vindo, detective Brady. — Estendeu a mão.

Quantas vezes iria aquela menina partir-lhe o coração? Indagou-se Frank. Estava tão equilibrada, o olhar tão solene, o sorriso tão educado. Mas a voz tremia-lhe.

— É um prazer rever-te, Olívia. — Apertou-lhe a mão e não a largou. — Livvy. Já não te tratam por Livvy?

— Sim. — O sorriso dela aqueceu um pouco. — Fez boa viagem?

— Muito boa. Decidimos vir de automóvel, por isso tivemos de trazer o carro do meu filho. É o único suficientemente grande para ser confortável. Célia?

Estendeu um braço e abraçou a mulher pelos ombros. Foi um gesto em que Olívia reparou. Ela gostava de estudar a forma como as pessoas se relacionavam. A mulher encaixou-se nele com facilidade e o sorriso que fez foi amistoso. O olhar era simpático.

— Esta é a Célia, a minha mulher.

— Olá, Livvy. Que lugar lindo. Sabes, quando eu tinha a idade do Noah, acampeei aqui. Nunca me esqueci deste local. Noah, esta é a Livvy MacBride. A pousada pertence à família dela.

Ele olhou para Olívia e anuiu com a cabeça — educado mas distante. — Oi — foi tudo o que disse enquanto metia as mãos nos bolsos traseiros das calças. Atrás dos óculos escuros, Noah assimilou cada pormenor da cara dela.

Ela era mais alta do que ele imaginara. Desengonçada. Noah lembrou-se que a imagem que tinha dela fixara-se naquela menina com as mãos a tapar os ouvidos e uma expressão de terror e sofrimento no rosto.

Ele nunca esquecera o aspecto dela. Nunca a esquecera.

— O Noah é um rapaz de poucas palavras — disse Célia com seriedade, mas a forma como olhou para Olívia fê-la sorrir de novo.

— Se quiserem, podem deixar o vosso carro aqui enquanto se registam na pousada. Os quartos com vista para o lago estavam todos reservados, mas têm uma vista muito bonita da floresta. É um dos quartos familiares do rés-do-chão e tem um pátio privativo.

— Parece-me muito bem. Recordo-me de ter tirado fotografias da pousada quando cá estive da outra vez. — Para pôr Olívia à vontade, Célia pousou-lhe uma mão no ombro e voltou-se para observar o edifício. — Parece que cresceu aqui, como as árvores.

Era imponente, antiga e majestosa. Três andares sob um telhado íngreme. As janelas eram grandes para oferecerem vistas espantosas. A

madeira tinha envelhecido para um castanho-claro e, com a envolvência verde-escura, parecia pertencer tanto à floresta como as árvores gigantes que a rodeavam.

Havia caminhos feitos de pedra com pequenas plantas de folha persistente e fetos e flores silvestres um pouco por toda a extensão. O parque tinha um aspecto apelativamente selvagem e intocado.

— Não é de todo intrusiva. Quem a construiu compreendeu a importância de trabalhar com a natureza em vez de a rechaçar.

— Foi o meu bisavô. Foi ele que construiu o edifício original, depois, ele, o irmão e o meu avô foram-no compondo. Também foi ele que lhe deu o nome. — Olívia resistiu à vontade de limpar as palmas húmidas às calças de ganga. — Não que haja algum rio que termine aqui. É uma metáfora.

— Por encontrar repouso e abrigo no final de uma viagem — sugeriu Célia fazendo Olívia sorrir.

— Pois, exactamente. Era isso que ele queria fazer. No início era apenas uma pousada e agora é uma reserva. Mas nós queremos esse mesmo ambiente repousante e estamos empenhados em preservar esta zona e em garantir que a pousada a beneficie e não desvalorize a pureza da floresta e dos lagos.

— Estás a falar a língua dela. — Frank piscou o olho a Olívia. — A Célia é uma conservacionista convicta.

— Qualquer pessoa inteligente é — disse Olívia automaticamente, fazendo Célia anuir com a cabeça.

— Vamos dar-nos muito bem. Porque não me mostras a pousada enquanto estes homens fortes carregam as bagagens?

Olívia virou-se para olhar para Frank quando Célia começou a afastar-se. Estava a rebentar de impaciência mas fez o que lhe foi pedido e abriu metade das enormes portas duplas.

— Quando cá estive da outra vez, não cheguei a entrar — disse Célia. — Tinha muito pouco dinheiro e estava atarefada a torcer o nariz a qualquer tipo de conforto. Fui uma das primeiras hippies.

Olívia parou e pestanejou. — A sério? Não me parece nada hippy.

— Agora já só uso os meus colares em ocasiões especiais... como o aniversário de Woodstock.

— O Frank também era hippy?

— O Frank? — Célia desatou a rir às gargalhadas. — Não, aquele é o Senhor Conservador. Aquele homem nasceu polícia e republicano. Bem, — disse ela com um suspiro, — o que se pode fazer? Oh, mas isto é muito bonito!

Célia deu meia-volta no átrio da entrada, admirando os soalhos e as paredes de pinho natural e abeto, e a grande lareira em pedra cheia de flores em vez de chamas. Cadeiras e sofás em tons terra suaves estavam arrumados em grupos aconchegantes.

Alguns hóspedes bebiam café ou vinho enquanto contemplavam a vista ou estudavam os seus guias.

Havia arte Ameríndia em quadros, ornamentos nas paredes, em tapetes, e selhas de cobre que continham grandes arranjos de flores ou folhagem.

Parecia mais uma sala de estar do que um átrio e Célia calculava que tinha sido mesmo essa a intenção.

O balcão da recepção era de madeira polida e contava com dois recepcionistas de camisa branca e coletes verdes de caçador. Actividades diárias encontravam-se escritas à mão num quadro preto, e havia uma taça de grés com rebuçados em cores pastel.

— Bem-vindos à Pousada do Fim do Rio. — A recepcionista sorriu rapidamente para Olívia antes de dar um sorriso de boas-vindas a Célia. — Vão ficar hospedados aqui?

— Sim, Célia Brady e família. O meu marido e o meu filho foram buscar a bagagem.

— É um prazer receber-vos, Sra. Brady. — Enquanto falava, a recepcionista anotava os dados num computador. — Espero que tenham feito boa viagem.

— Muito boa. — Célia reparou no nome que estava preso no colete da recepcionista. — Obrigada, Sharon.

— E vão ficar connosco cinco noites. Têm o nosso pacote familiar, que inclui pequeno-almoço para três todas as manhãs, qualquer um dos nossos passeios turísticos...

Olívia desviou a atenção para a porta. Começou de novo a sentir borboletas no estômago quando Frank entrou seguido de Noah. Vinham carregados de malas e mochilas.

— Eu dou-vos uma ajuda. Sharon, eu acompanho os Brady até aos aposentos e mostro-lhes as instalações.

— Obrigada, Livvy. Não se pode ter melhor guia do que um MacBride, Sra. Brady. Boa estadia.

— Por aqui. — Esforçando-se para não se apressar, Olívia conduziu-os através de um corredor no fim do átrio e virou à direita. — O ginásio fica à esquerda e é grátis para os hóspedes. Podem aceder à piscina por lá ou através da entrada sul.

Olívia despejou informação acerca da hora das refeições, dos serviços de quarto disponíveis, dos programas de lazer, e do aluguer de canoas, material de pesca e bicicletas.

À porta dos aposentos, deixou-se ficar para trás e, apesar do nervosismo, sentiu-se contente quando Célia soltou um pequeno suspiro de prazer.

— Que maravilha! Oh, Frank! Olha para esta vista! É como estar no meio da floresta. — Dirigiu-se imediatamente às portas do pátio e escancarou-as. — Porque vivemos na cidade?

— Acho que tem algo a ver com emprego — disse Frank secamente.

— O quarto principal fica aqui e o secundário ali.

— Vou largar as minhas coisas. — Noah dirigiu-se à outra ponta da sala de estar.

— Agora devem querer arrumar as vossas coisas e instalar-se. — Olívia entrelaçou as mãos e voltou a separá-las. — Precisam de alguma coisa? Têm alguma dúvida? Há uns percursos curtos e fáceis, se quiserem fazer alguma exploração esta tarde...

— Frank, porque não fazes de escuteiro? — Célia sorriu, incapaz de resistir à súplica nos olhos de Olívia. — O Noah e eu devemos ficar pela piscina a preguiçar um pouco. A Livvy podia mostrar-te os arredores e tu esticavas as pernas.

— Boa ideia. Importas-te, Livvy?

— Não, não me importo. Podemos ir já por aqui. — Fez sinal para as portas do pátio. — Há um percurso muito fácil de um quilómetro; nem sequer é preciso equipamento.

— Parece-me muito bem. — Frank beijou Célia e passou-lhe uma mão pelo braço. — Até já.

— Demorem o que precisarem. — Célia acompanhou-os até ao exterior e viu a menina conduzir o homem em direcção às árvores.

— Mãe?

Ela não se virou e continuou a observar até as duas figuras se embrenharem nas sombras da floresta. — Hum?

— Porque não me disseste?

— O quê, Noah?

— Aquela é a filha da Julie MacBride, não é?

Célia virou-se então para a porta do quarto de Noah, onde ele estava de ombro encostado à ombreira, olhos atentos e um pouquinho irritado.

— Sim. Porquê?

— Não viemos até cá para nos divertirmos no campo e pescar. O pai odeia pesca, e a ideia que ele tem de férias é ficar na cama de rede do quintal.

Ela quase riu. Era totalmente verdade. — Onde queres chegar?

— Ele veio cá ver esta miúda. Isso quer dizer que surgiu alguma novidade acerca do assassinato da Julie MacBride?

— Não. Nada disso. Eu não sabia que tinhas interesse pelo assunto, Noah.

— Porque não teria? — Desencostou-se da porta e pegou numa das maçãs vermelhas que estavam numa taça azul em cima da mesa. — Foi um caso muito importante do pai. As pessoas ainda o comentam. E ele ainda pensa no assunto. — Noah ergueu o queixo na direcção em que o pai tinha sido levado. — Mesmo que não fale nele. O que se passa, mãe?

Célia encolheu os ombros. — A menina, a Olívia, escreveu-lhe. Tem umas questões a colocar-lhe. Não me parece que os avós lhe tenham dito muita coisa, e também não me parece que saibam que ela escreveu ao teu pai. Por isso, dêmos-lhes espaço.

— Claro. — Noah deu uma dentada na maçã e olhou para a janela em direcção ao caminho por entre as árvores por onde a menina alta tinha levado o homem. — Estava só curioso.